

# FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL PARA O ANO 2000

## ANEDOTAS ESPACIAIS

TRAJE ANTI-ABELHAS



BRUXAS DO SÉCULO XX



VIAGENS ESPACIAIS



NESTE NÚMERO:

VIAGENS AO CENTRO DA TERRA

E

A CAÇA AOS TESOIRO NO FUNDO DO MAR

EM SEPARATA:

O JORNAL DA BP

## CAPITÃO MARTE

PILOTO DO FUTURO

# em O PLANETA DESCONHECIDO

Grças à iniciativa da professora Yega Oberon, lançando no espaço os radares electrónicos que rebocavam compridos cabos, os «náufragos» iam finalmente poder ser salvos! O capitão Marte, num esforço enorme, conseguiu apanhar um desses cabos e procurava agora chegar aos comandos manuais instalados em cada radar.



SEM PRECISAR DE LUTAR CONTRA A RESISTÊNCIA DA ATMOSFERA, ALI INEXISTENTE, O CAPITÃO MARTE LOGROU ÍCAR-SE ATÉ AO CORPO DO APARELHO...



CONTINUA

# UM JORNAL DE CALÇAS COMPRIDAS...



O formato do «Foguetão» é muito grande! — dizem alguns dos nossos leitores.

Ora vamos lá a ver se têm razão esses nossos prezados correspondentes. Mas antes de mais nada é preciso saber o rapaz é alto, é porque o comparam com a estatura média dos jovens. Tudo leva, pois, a crer que o nosso formato tenha sido comparado com o de outros jornais para rapazes.

Muito bem até aqui, se foi este o raciocínio dos leitores. Pois precisamente o que nós pretendemos foi apresentar um jornal maior (no tamanho, evidentemente) do que os que já existem entre nós.

E porquê? Por três motivos. Em primeiro lugar, quisemos habituar os que nos lêem — rapazes quase homenzinhos — ao formato dos jornais para adultos. Dai, o «Foguetão» ter «Diário Popular», igualando o «Diário de Lisboa» ou do «O Século» quando aberto na folha central.

Por outro lado, é evidente a vantagem que para a página «João Ratão» ou mesmo do «Cavaleiro Andante», não é fácil obter os arranjos gráficos que se verificam nas nossas páginas e que muito têm a agradecer.

Por último (e isto aqui só entre nós, é claro), quisemos outros jornais, pudesse ser levado, como muitos livros escolares, para as aulas, entre os cadernos e as turmas do Capitão X enquanto o professor lhes explica o teorema de Pitágoras...

*Pilots Check*

Journal de pernas para o ar à primeira dificuldade...

E não deixem de nos dizer o que pensam destes passatempos.

A COLABORAÇÃO DOS LEITORES SERÁ PAGA!

É numerosa a correspondência recebida, em que muitos dos nossos leitores nos oferecem amavelmente a sua colaboração literária e artística. Muita reconhecida pela atenção, aqui deixamos desde já a promessa de que ela será em breve utilizada, mas em moldes absolutamente inéditos e com a particularidade de que serão pagos como a qualquer colaborador os trabalhos que forem considerados dignos de aparecer nas páginas do «Foguetão».

de início, muito fáceis. Começaremos até por dar as próprias palavras (ou uma rápida definição) em português, de modo que os leitores não terão mais que procurar o equivalente em francês ou em inglês, podendo servir-se do dicionário da aula, se não souberem já, por exemplo, que mesa em francês é table, e lápis em inglês é pencil... Lá mais para diante, se a secção interessar e os leitores assim o desejarem, poderemos tornar os problemas um pouco mais difíceis, dando as definições já na própria língua. Por exemplo: «A well-known Australian animal with a pouch» — para significar «Kangaroo» (canguru); ou «Herbivores éléves pour leur chair et leur toison», o que significa, muito simplesmente, «Moutons» (carneiros)...

Também, por agora pelo menos, não haverá qualquer concurso. As soluções virão assim no próprio número, invertidas. Mas não vale virar o

# OS NOSSOS CONCURSOS

VAI À FRENTE, CONTANDO SÓ COM OS RESULTADOS DO N.º 1, A ORGANIZAÇÃO F. C. I., DE AVEIRO, SEGUIDA POR QUATRO CONCORRENTES COM 19 PONTOS CADA UM

Dada a antecedência com que é preparado o «Foguetão», e porque o volume das respostas — no primeiro número centenas, agora muitos milhares — não permitiu uma classificação mais rápida, só hoje se publicam os primeiros resultados dos nossos concursos semanais que habilitam imediatamente a três livros policiais e, no fim de cada mês, à «medalha de prata» atribuída ao melhor solucionador.

O critério de classificação, tanto para o enigma policial como para as palavras cruzadas, foi o seguinte: Zero pontos — Solução totalmente errada. Zero a 5 — Errada mas com pormenores apreciáveis. 6 a 8 — Certa, mas com falta de pormenores. 9 — Certa. Quase perfeita. 10 — Perfeita.

Poucas se aproximaram da classificação máxima, mas como todas as classificações interessam para a «medalha de prata» não desanimem os que contam ainda poucos pontos.

VENCEDOR DA 1.ª SEMANA:

Organização FCI, Aveiro — Totalizou 20 pontos. Deu a seguinte definição da palavra misteriosa:

«Camilo» — fecundo escritor português do século XIX, que cultivou o romance e a novela e foi autor de «O Anátema». Foram enviados já à FCI os três livros policiais, a que lhe deu direito esta classificação. Os nossos parabéns.

CLASSIFICADOS COM 19 PONTOS:

Zé Ninguém, Amândio António da Silva Amado, Pedro Luís Grilo e Rui Vasco Sardinha e Sousa.

CLASSIFICADOS COM 18 PONTOS:

Luís João Silva Mateus, Rogério de Almeida Manso Correia, Júlio Montalvão e Silva, Hart-Ollas, Linda Duarte, Santo, Detective Luneta, Jorge Alberto Cunha Serra, Joac e Betty.

CLASSIFICADOS COM 17 PONTOS:

José Augusto dos Santos Lomba, Rui Narciso, Alexandre Campos Romeiras, Evaristo de Oliveira Ferreira, Fernando Ferreira Gaspar, Joaquim Fernando Coijão Duarte, Francisco Manuel Seixas da Costa, Inspector Ramon, José David Soares Gonçalves de Carvalho, Manuel Mário Correia de Almeida, José António de Pádua Osório de Andrade, Paulo Ferreira, Freitas, Fernando Sequeira Ribeiro, António Augusto Tavares Fernandes, António Manuel Tavares Dias de Brito, Luís Filipe Lopes, Maria Ema Brandeiro Ferreira, Vitor Luís da Silva, João António Leitão Marques Dias, Repórter Espacial, Galhosga, Herculan Ramos Rocha, João Paulo, H. de Albuquerque, Rodrigo José Trouilloud Marin, Luís José Teixeira Bigotte de Almeida, Francisco Manuel Marques dos Santos, Vasco Trancoso e Mário António de Jesus Neto.

E ficamos hoje por aqui, devido à absoluta falta de espaço. No próximo número, concluiremos a publicação desta lista dos classificados no nosso primeiro concurso.

# O INQUÉRITO CONTINUA...

AS MÃES ANDARÃO RADIANTES: HAVERÁ EM CASA POUCOS MÓVEIS PARA OS FILHOS DESARRUMAREM

— prevê o António Manuel Franco



Mas será verdade que o mundo no ano 2000 vai ser muito diferente da época actual? Eu penso que, simplesmente, se aperfeiçoarão as coisas que já existem.

Os carros, por exemplo, hão-de ser muito mais velozes, com todas as comodidades interiores, como telefone, televisão e bar. Os aviões de reacção, esses atingirão velocidades inconcebíveis.

A volta ao mundo já não será feita em 80 dias, como no romance de Júlio Verne, nem em 6 dias — como li que é possível fazer actualmente — mas em 2 dias, de tal forma a velocidade dos aviões e automóveis terá aumentado e tão aperfeiçoados e conjugados estarão os horários das diferentes carreiras.

Quanto às mobílias das nossas casas, elas serão — julgo eu — como já vi num filme em que aparecia o interior de uma casa japonesa: pequenos bancos e armários, algumas esteiras ou almofadas no chão e mais nada. Quem vai ficar contente são as mães desse tempo, porque, assim, os filhos terão menos que desarrumar...

Penso também que os brinquedos das crianças copiarão fielmente — como sempre têm feito — os objectos e as máquinas dos crescidos. E então haremos de ver os pequenitos a brincar com os seus automóveis, que já não serão de corda nem de pedais, mas hão-de ter pequenos motores e «andar mesmo» como os carros a valer.

Mas a ideia que mais me sorri é a de que os homens consigam chegar à Lua e estabeleçam comunicações rápidas e regulares entre a Terra e o seu satélite. Então, ao domingo, quando quisermos ir dar um passeio, diremos: — «E se fôssemos até à Lua?»

António Manuel Franco

Idade: 13 anos

Aluno do 3.º ano (ensino particular)

# FOGUETÃO PASSA À ESCUTA E RESPONDE... «MOTS CROISÉS» E «CROSSWORDS»

a partir do próximo número

Afinal, só de hoje a oito dias poderemos principiar a apresentar, na nossa página de «Passatempos», uma pequena secção de palavras cruzadas em francês e inglês, a que nos referimos no número anterior.

Um aviso desde já: estas palavras cruzadas — «Mots croisés» e «Crosswords» — serão naturalmente, pelo menos

# os nossos livros

**New Book of Aircraft**, por John W. R. Taylor e Maurice Allward — **Book of Spacecraft Models**, por Ray Malmström — Dois livros que vão agradar em cheio aos nossos amigos que se interessam — e são todos ou quase todos — por «aparelhos voadores», chamemos-lhes assim. Em «New Book of Aircraft» encontram a história da aviação, desde que Icaro tentou subir ao céu com as suas asas de cera, até à preparação da grande aventura dos astronautas que irão à Lua.

«Book of Spacecraft Models» é, como o seu nome indica, um guia para os apaixonados pelo aeromodelismo. Fotografias e esquemas perfeitíssimos, tornam estes dois livros verdadeiramente interessantes, mesmo para os leigos...

Edições Longacre Press, de Londres.

**The Girl's Handbook of Play Ideas and Things-to-do**, por Caroline Horowitz — São dezenas de ideias, sugestões e planos para as meninas de 9 a 13 anos realizarem pequenos trabalhos manuais úteis ou meramente decorativos. Tudo simples, tudo feito com material de ocasião, tudo destinado a ajudar as raparigas a não desperdiçarem o tempo livre, entre bocéjos e a eterna pergunta: — «Que hei-de fazer?» Bonitos e sugestivos desenhos. Edição Chatto & Windus, de Londres.

Assinaturas	Trimestre (13 números)	Semestre (26 números)	Ano (52 números)
Continente e ilhas.....	29\$00	55\$00	104\$00
Ultramar.....	—	57\$60	109\$20
Brasil e Espanha.....	—	57\$60	109\$20
Outros países.....	—	75\$80	145\$60

Preço especial para a remessa por via aérea

# FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL

Director: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor: M. M. Matta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composição e impressão nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal



# A ARMADILHA DIABÓLICA

por E. P. JACOBS

QUANDO O PROF. VOLTOU A SI, NÃO PODE IMPEDIR-SE DE MALDIZER A SUA TEMERIDADE.

QUE MALDITO IDIOTA EU SOU! E, VIVO OU MORTO, MILOCH ACERTOU BEM O GOLPE! MAS, SE JERGA QUE ME DEIXA APOIAR CER, AQUI, ENGANA-SE. DEPOIS DE AMANHÃ EGGARD ESTARÁ DE VOLTA E É BEM CAPAZ DE DESTRUIR ESTE TUGÚRIO PEDRA POR PEDRA PARA ME ENCONTRAR.



MEIO TRANQUILIZADO COM ESTE PENSAMENTO, OLHOU À SUA VOLTA E DESCOBRIU UMA VASTA CRIPTA ONDE, SOB UMA ESTRANHA LUZ, SE VIAM MUITOS ADARELHOS, SALTILAMENTE SABOTADOS, MAS AINDA LIGADOS POR UMA CONFUSÃO DE FIOS.



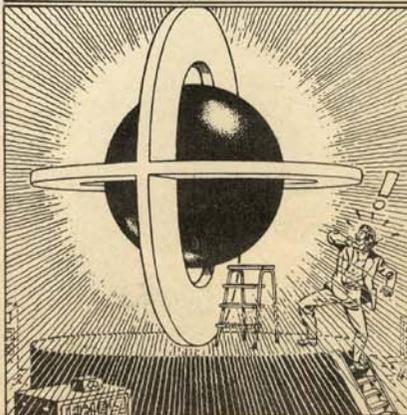
DE PISTOLA EM PUNHO, MORTIMER FOI AVANÇANDO. MAS, QUANDO IA A CHEGAR À ALTURA DE UMA RESPECIE DE NAVE LATERAL.



COMO UMA BOLA GIGANTESCA UMA REDOMA BRILHANTE, QUASE IRREAL, POISAVA SOBRE UMA PLATAFORMA.



A UM TEMPO INTRIGADO E DESCONFIAO, MORTIMER APROXIMOU-SE DO OBJECTO. MAS, QUANDO IA A PISAR O PÉ NA PLATAFORMA, A REDOMA ESTALOU, DESCOBRINDO UM ENGINHO DE FORMAS INOLITAS: O CRONOSCAFO!!



NO MESMO INSTANTE OUVIU-SE UMA VOZ PROFUNDA, A VOZ DO DELÍQUO GEORGEVITCH MILOCH...



SEJA BENVINDO, PROFESSOR MORTIMER!

COM UM SALTO, MORTIMER ENCOSTARA-SE À PAREDE, TENTANDO LOCALIZAR O SEU INVISÍVEL INTERLOCUTOR.



O rio subterrâneo, ilustração da "Viagem ao Centro da Terra", de Júlio Verne.

# COMO OS HERÓIS DE JÚLIO VERNE, O HOMEM DOS NOSSOS DIAS DESCE AO CENTRO DA TERRA

QUANDO, em 1864, Júlio Verne escreveu «Viagem ao Centro da Terra», não sonhava decerto que as aventuras do jovem Axel e dos seus companheiros iriam despertar no espírito de muitos leitores uma nova paixão: a descoberta, a exploração do mundo subterrâneo. Depois, uma nova ciência nasceu: a Espeleologia.

Mas, durante muito tempo, essas difíceis e perigosas pesquisas foram reservadas aos arqueólogos, aos geólogos e aos geofísicos. Pouco a pouco, as galerias e os abismos subterrâneos dispersos pelo mundo revelaram os seus segredos.

Pouco a pouco, também, jovens ousados começaram a dedicar-se ao apaixonante desporto que é a exploração das cavernas subterrâneas. Hoje, a Espeleologia tem os seus praticantes e... os seus fanáticos.

— É então a Espeleologia um desporto moderno? — perguntarão.

Não tanto como parece. As grutas de Adelsberg (Jugoslávia) foram visitadas pela primeira vez em 1213 e outras descobertas do mesmo género se seguiram. Em 1857, Lespés descobriu os primeiros insectos das cavernas e, em 1860, alguns arqueólogos e biólogos exploraram a gruta pré-histórica de Aurignac.

Estamos daqui a ver muitos dos nossos leitores sonhando já com arriscadas explorações subterrâneas. Mas... cuidado! Oçam primeiro o que dizem os mestres no assunto.

A exploração subterrânea é na verdade muito atraente, mas exige profundos conhecimentos, uma sólida experiência e... dinheiro.

Antes de mais nada, o explorador deve — aconteça o que acontecer! — conservar o domínio de si próprio. Se, para as pequenas explorações, não são precisas as qualidades físicas de um Tarzan, é fora de dúvida que o homem



Nu e sobrio espectáculo dos cenários subterrâneos descobertos pelos espeleólogos.

bem treinado no desporto terá maior reserva de energias.

Acrescente-se que a Espeleologia deve ser sempre praticada em grupo. Supõem um espeleólogo isolado. Para ele, o menor incidente — entorse, avaria na luz, erro de direcção — pode ter consequências mortais.

Portanto, amigos que sonham com a Espeleologia, peçam conselho àqueles que têm experiência. Entre nós, a Sociedade Portuguesa de Espeleologia, com sede na Faculdade de Ciências de Lisboa, poderá dar-lhes todas as informações úteis sobre a organização de eventuais expedições. Quem sabe se não estará entre vós o futuro descobridor de uma outra gruta tão extensa e interessante como a dos Moinhos Velhos, em Mira d'Aire, que tem quase 3 quilómetros de sucessivas galerias e a profundidade de 250 metros? Aviso aos sonha-

dores: a exploração das grutas é feita de escuridão, de frio, de humidade, de lama, de silêncio e de um esforço poderoso em cada minuto.

Mas pior, mais arriscado do que a descida às grutas subterrâneas, é o mergulho nos rios subterrâneos, nas grutas inundadas onde o perigo surge multiplicado por vinte e onde basta ao mergulhador abrir a boca para morrer...

A água subterrânea constitui um dos grandes perigos da Espeleologia. Claro que é possível navegar em barco pneumático, mas... chega um momento em que a abóbada começa a baixar até impedir o avanço do barco. Para continuar, será preciso passar o «sifão», uma espécie de cano rochoso entre duas toalhas de água. Passagem perigosíssima, mas já tentada por vários mergulhadores subterrâneos. O primeiro foi o francês Norbert Casteret, o mais célebre espeleólogo do mundo inteiro. A aventura — que não aconselhamos ninguém a repetir... — conta-se em poucas palavras e espanta pela sua audácia.

Foi em 1922, na cavernas de Montspan. Impedido de avançar, Casteret deitou-se à água em calções de banho, sem escafandro, sem barbatanas, sem máscara, sem luz, sem corda de segurança, porque estava só. Retendo a respiração, passou um sifão, depois outro. Na touca de banho impermeável, levava uma vela e fósforos. Conseguiu acender a vela e, à sua luz vacilante, viu as paredes da gruta cobertas de sinais de mãos e de pinturas pré-históricas. Havia também objectos espalhados aqui e ali pelos nossos antepassados das cavernas, antes que a água tivesse penetrado na gruta. E estava ali também a mais antiga estátua de toda a França: um urso de argila, esculpido pelos homens das cavernas!

Naturalmente, Casteret pôde voltar ao ar livre e contar a sua aventura. Acreditamos que, se tentar passar um sifão em tais condições é o cúmulo da temeridade, a vitória representa também, para o vencedor isolado, uma grande, uma intensa alegria!

## CRÓNICA DO OESTE

EM OUTUBRO DE 1868 O FAMOSO CHEFE INDIANO NUVEM VERMELHA, PARA DEMONSTRAR A SUA DESTREZA COMO CAVALEIRO, APOSTOU COM O COMANDANTE DE FORT RENO QUE SERIA CAPAZ DE SALTAR A CAVALO POR CIMA DE UM CANHÃO, NO MOMENTO EM QUE ESTE DISPARAVA.



NUVEM VERMELHA GANHOU BRILHANTEMENTE A PROVA E OBTVEU COMO PRÉMIO A LIBERTAÇÃO DE ALGUNS GUERREIROS SIOUX, PRESOS POR DELITOS DE POUCA GRAVIDADE.



## Asterix O GUERREIRO GAULÉS



OS GAULESES QUE ESTAMOS CERCANDO DESDE HA ANOS TROCAM DE NÓS, A PROVOCAÇÃO DESTA MANHÃ ULTRAPASSA TODOS OS LIMITES. SE COMEGAM ASSIM, UM CONTRA QUATRO, NÃO VALE. RIDICULARIZAM-NOS!



DEVE HAVER UM MISTÉRIO NA FORÇA DESSES GAULESES. TEMOS QUE DESCOBRIR O SEGREDO!



TENS RAZÃO, MARCUS SACA-PUS! É PRECISO DESCOBRIR-LO E DEPRESSA, CESAR JÁ ME MANIFESTOU O SEU DESCONTENTAMENTO. PRECISO DE UM VOLUNTÁRIO PARA IR ESPIAH OS GAULESES.



!?



PERANTE O AFLUXO DOS VOLUNTÁRIOS, VAMOS RECORRER À "DANÇA DAS CADEIRAS".



PARA ESSE VELHO JOGO DOS ROMANOS, ERAM PRECISAS TANTAS CADEIRAS QUANTOS FOSSEM OS LEGIONÁRIOS, MENOS UMA.



QUANDO A MÚSICA PARAVA...



...TOPOS SE SENTAVAM, O LEGIONÁRIO QUE FICAVA SEM CADEIRA, PERDIA.

FICOU O CALÍGULA MINUS!

## REVOLUÇÃO NOS TRANSPORTES



Por um preço correspondente a 24 mil escudos, os ingleses podem experimentar as vantagens combinadas de uma motocicleta, de um planador e de uma canoa automóvel.

Chama-se esta nova máquina «HOVER-SCOOTER», foi concebida por um grupo de investigadores da Universidade de Princeton e construída nos Estados Unidos.

Não sabemos o que há de mais revolucionário no Hover-Scooter, se o seu preço, é extremamente baixo, se a simplicidade da sua concepção. O motor é o de uma motocicleta japonesa (Yamaha) a dois tempos. O corpo da máquina (com excepção da entrada de ar que é feita numa liga leve) é moldado (em quatro secções) numa matéria nova, a Realite, que não é mais que uma borracha sintética, coberta de matéria plástica. O diâmetro da Hover-Scooter é de

2,80 m e o seu peso total de 91 kg.

A massa de ar, ou a almofada de ar, como lhe chamam, sobre a qual a máquina desliza, é obtida por meio de um anel de ar comprimido. Basta deslocar ligeiramente o centro de gravidade (por inclinação do corpo do piloto), para dirigir o aparelho na direcção desejada.

Capaz de evolucionar e de pousar tanto em terra como na água, fala-se já nas múltiplas aplicações e serviços que os Hover-Scooters, a fabricar brevemente em série, poderão prestar. Há quem pense já em particular no serviço dos portos, vendo-as utilizadas pelas Alfândegas ou pela polícia. Fala-se ainda nas praias onde seriam de grande utilidade aos banheiros para vigiarem as suas zonas e socorrerem as pessoas afitas. Só com o tempo, no entanto, poderemos ter uma ideia mais precisa das muitas utilizações desta extraordinária máquina.



ANUNCIAR NO

**FOCETEAO**

É ENCONTRAR O MELHOR VEÍCULO PUBLICITÁRIO



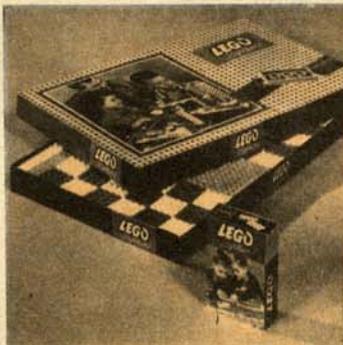
**FOSTE TU MESMO QUE CONSTRUÍSTE AQUELE BARCO, PEDRO?**

Sim, o Pedro não só construiu o barco, como todo o porto. A sua irmãzinha ajudou-o e os pais passaram deliciosas horas de paz e sossego.

Porque, a bem dizer, nada há que não possa ser construído com LEGO. Desenvolve a imaginação a o gosto criador das crianças.

Todas as crianças que-rem LEGO. Mesmo aquelas que já têm LEGO. Porque, quanto mais LEGO têm, mais podem brincar.

Deixe o seu fornecedor de brinquedos fazer-lhe uma pequena demonstração do Sistema LEGO. Ficará entusiasmado!



**AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS**

**5—PUSKAS SÓ GASTA UMA DAS BOTAS, MAS...**

Há verdadeiros magos da bola, homens excepcionalmente hábeis, que fazem dela tudo quanto querem. Todavia, não exageremos: um jogador de futebol não é apenas isso! Ou melhor, não é essencialmente isso.

Um jogador, um verdadeiro futebolista, um homem que jogue com a equipa e para a equipa, tem de ter algo mais (embora fosse ideal que, além do mais, tivesse, realmente, um perfeito domínio da bola).

Cito, por exemplo, para não ferir susceptibilidades entre os meus colegas portugueses, o extraordinário húngaro-espanhol Ferenk Puskas, um homem que já há quinze anos era um ídolo e, agora, com trinta e muitos, continua a dar lições de futebol, no tão difícil Campeonato da Liga espanhola, envergando a camisola branca do fabuloso Real Madrid, o campeão dos campeões deste mundo e do outro...

Puskas é o tipo perfeito do futebolista de competição. Hábil, inteligente, duro e prático. Tem um só pé, é certo, visto que se trata de um «canhoto» cem por cento, daqueles que nem por um decreto seriam capazes de se servir do pé direito. Já me referi, noutra lição, à absoluta necessidade de um jogador possuir dois pés gémeos. Frisei até, se bem recordo, o caso do famoso ex-capitão do Honved e de outros bons futebolistas para quem o pé direito é «tabú».

São excepções. O Puskas é tão excepcional, que temos que esquecer e perdoar-lhe o facto de só «ter» um pé. Um pé maravilhosol!

Um pé terrivelmente eficaz, em violência e colocação, quando atira à baliza; uma autêntica avalanche, ou «coice de mula», como se diz sem qualquer espécie de má intenção, na giria futebolística. Mas também um pé extremamente aveludado, quando se trata de «acariciar» a bola e brincar com ela. Nessa altura, Puskas parece

um garotinho brasileiro, a brincar com uma casca de laranja, como o «guri» que vi em Copacabana: o esférico, obediente e cativo, salta dez, vinte, cem vezes, da sua bota esquer-



da, sem nunca tocar no chão. Cansa-se primeiro a nossa vista que a perna do jogador. Mas, quando toca a jogar «a sério», o velho Puskas, profissional insuperável, deixa-se de «bonitos» para a galeria e põe a alma e toda a gama dos seus infindáveis recursos ao serviço da equipa. Corre como um rapaz de vinte anos; chuta, passa, dribla, e «esfarrapa-se», como o mais nobre dos puros-sangues, passe a comparação.

E, quando o Real Madrid está em apuros, para marcar um golo ao adversário que se acantona em defesa da sua baliza, é ainda o «velho» quem descobre um buraco por onde enviar a bola para as malhas!

E os seus penalties? Um modelo de execução: o guarda-redes atira-se para um lado e a bola vai para o outro...

Bem, por agora, não vos maço mais com técnicas, nem com citações de exemplos tão extremos que até os poderão fazer desanimar, dizendo: «Isso é demasiado difícil para mim. Nunca conseguirei imitar o Puskas...»

Vou antes contar-lhes uma pequena anedota, verdadeira, passada durante um

(Continua na pág. 11)



## APRENDENDO A FAZER UM "CROQUIS"

Um dos melhores meios de colaborar com a lei é principiar por não causar embaraços aos seus agentes.

E quanto mais conhecimentos tiver o público acerca das dificuldades duma investigação e dos modos como pode auxiliar, maiores vantagens advirão para a polícia.

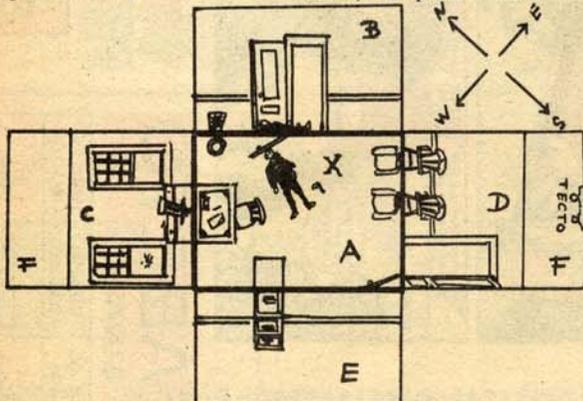
A recolha de elementos, a fixação de pormenores por escrito e a anotação de tudo que se encontra num local suspeito, podem, mais tarde trazer os seus consequentes benefícios.

O desenho pode depois ser recortado, reconstituindo-se a casa como nas construções de armar.

Em C nota-se uma janela cujo vidro foi perfurado por uma bala, e no chão em A uma pistola assinalada com um X.

Normalmente estes desenhos são feitos em cartolina e uma das paredes é de tirar e pôr, para se poder olhar para dentro da casa.

Deve marcar-se a escala e indicar a orientação dos pontos cardais.



Querem os elementos do nosso «Clube» aprender a fazer um «croquis»? Então reparam bem no nosso desenho.

A — indica o solo da casa em que se encontra o corpo.

B, C, D e E — as paredes.

F — o tecto.

Assim, todos os objectos estão projectados nos planos diversos em que se encontram.

Em A observamo-los de cima; em B, C, D e E na sua posição normal, como se os vissemos de frente.

Se algum dos membros do Clube quiser praticar, pode enviar-nos uma planificação imaginada e desenhá-la a tinta da China.

Teremos muito gosto em publicar a melhor e atribuir-lhe mesmo como prémio um bom livro policial.

Talvez depois ela sirva de mote para um problema produzido pelos que demonstrarem qualidades literárias e venha a ser solucionada pelos restantes «policías amadores»...

## UM TESTE DE MEMÓRIA SOBRE FICÇÃO CIENTÍFICA

A antecipação abre novos caminhos à investigação. Cenas que ontem eram aceites apenas com sorrisos de benevolência para com espíritos «juliovernianos», tornaram-se correntes nos jornais diários.

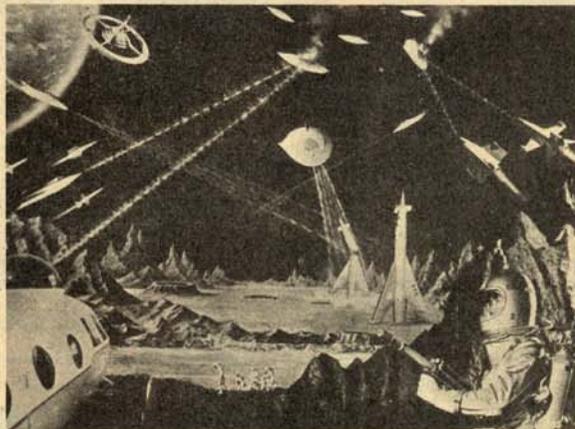
Os trajes espaciais, os discos voadores, as viagens interplanetárias ganharam jus às colunas dos mais circumspectos periódicos mundiais.

A ficção funde-se com a realidade

e cenas como a que vemos nesta gravura podem ser comuns dentro de pouco tempo.

Aproveitamo-la por isso para mais um teste do nosso «CLUBE DO MISTÉRIO».

Durante 60 segundos observe com cuidadosa atenção todos os pormenores e depois procure responder ao nosso questionário, sem olhar para a foto, evidentemente.



## QUE TAL É A SUA MEMÓRIA?

- 1 — Dos foguetes pousados algum foi atingido? Sim ou não?
- 2 — Em caso afirmativo, responda se foi por um ataque da esquerda ou da direita.
- 3 — Quantos discos voadores contou?
- 4 — Quantos aparelhos de propulsão por jacto atacam o disco voador à direita?
- 5 — O capacete do homem que se vê empunhando uma arma tem um número. Lembra-se que número é esse?
- 6 — Um dos foguetes pousados tem 3 letras numa das caudas. Duas são «FF» e a outra qual é?

Agora que já respondeu, volte a observar a ilustração e compare o

número das suas respostas certas com o seguinte quadro:

6 respostas certas ..... Excelente memória  
5 " " ..... Muito boa memória  
4 " " ..... Boa  
3 ou inferior ..... Regular

## QUER SER BOM DETECTIVE?

Respostas:

- 1 — FALSO. Não há quaisquer casos de impressões digitais de duas pessoas perfeitamente iguais, sem o uso de gémeos.
- 2 — VERDADEIRO. É possível verificar a recepção do cabelo com seis de bismuto ou chumbo, nitrito de prata, permutanganato de potássio, ácido picró-gálico, etc., e saber se esse cabelo provém ou não de um morto.
- 3 — VERDADEIRO.
- 4 — VERDADEIRO.
- 5 — FALSO. Encontram-se vestígios de arsénico, até alguns anos depois de um crime ter sido cometido.



## 5—AS PÉROLAS NEGRAS

Apitando, o comboio atravessou os campos. Farto de ler revistas, voltei-me para o Comissário Esteves que fumava em silêncio o seu cachimbo:

— Que horas tem, Comissário?

— Cinco horas. Daqui a uma hora chegamos.

O tempo parecia-me muito longo. Tinha pressa de chegar a Marselha, onde nos esperava um caso delicado. Essa história contá-la-ei noutra ocasião porque, momentos depois, o Acaso devia mergulhar-nos em pleno mistério...

Para passar o tempo, eu ia examinando os meus companheiros de viagem: uma senhora nova e distinta, com um magnífico casaco de vison e um colar de pérolas negras em redor do pescoço delicado; um homem gordo, de óculos, que lia um romance policial e chupava ao mesmo tempo as negras pastilhas de alcaçuz que ia tirando de uma caixa metálica; e, finalmente, um terceiro viajante com ar de estrangeiro, tez cor de azeitona, bigodinho castanho, evocando irresistivelmente a imagem do aventureiro.

Ninguém falava. O homem gordo bem tinha tentado travar conhecimento

com o «aventureiro», mas este não fizera qualquer esforço para alimentar a conversa: quanto à jovem dama, altiva e desdenhosa, conduzia-se como se estivesse só na carruagem e ignorava soberbamente a presença dos outros passageiros.

Com um apito estridente, o comboio internou-se num túnel e imediatamente a carruagem mergulhou na escuridão. Então, bruscamente, um grito soou. Era a voz da passageira.

— Socorro! Ladrão!

Pus-me em pé de um salto e tentei orientar-me, mas não via nada. Felizmente, o comboio estava a chegar ao fim do túnel. O compartimento foi de novo iluminado pela luz tibia dessa tarde de Abril. De pé, a senhora continuava a gritar:

— Roubaram-me! O meu colar...

Todos os outros passageiros se encontravam sentados nos lugares exactos que antes ocupavam. O Comissário Esteves, o homem gordo e o aventureiro, de olhos muito abertos, fixavam a senhora.

Esta puxou o sinal de alarme e, pouco depois, explicava ao revisor:

— Alguém, no escuro, me arrancou o colar. Foi, decerto, um destes quatro indivíduos...

E, o seu dedo acusador apontava-nos: o homem gordo, o aventureiro, o Comissário Esteves e eu!

Depois de ter declinado a sua iden-

tidade, o comissário encarregou-se das investigações. Em silêncio, verifiquei primeiro os passaportes dos três passageiros. Por cima do ombro dele pude ler o nome da roubada: Mme Vera Weiller. O gordo era caixeiro viajante e chamava-se Lucien Colas; o estrangeiro usava o nome da Ciszowsky e era jornalista.

— O colar é de muito valor, minha senhora? — perguntou o Comissário.

— Se é! — replicou a passageira.

— Estava seguro num milhão de francos.

O homem gordo encolheu os ombros.

— Se algum de nós roubou o colar de Mme Weiller, ainda deve estar de posse dele ou tê-lo escondido na carruagem! — declarou com inteira lógica, metendo na boca mais uma pastilha.

Ao chegar a Marselha, os três passageiros deixaram-se revistar. Os fatos do caixeiro viajante e do jornalista foram cuidadosamente examinados, assim como as suas carteiras, malas, etc. Do colar, nem sombras! A busca no compartimento deu-nos uma desilusão: não se encontraram as pérolas, mas descobriu-se o fio, partido, debaixo do banco.

— É incompreensível! — murmurou o Comissário. — Que é feito das pérolas?

— É que as pérolas não foram realmente «roubadas», Comissário...

— Não foram?!

— Não! E há dois pormenores a

prová-lo. As pérolas estão actualmente num esconderijo muito simples onde, à primeira vista, não chamam a atenção.

— O quê? Mme Weiller será então culpada?

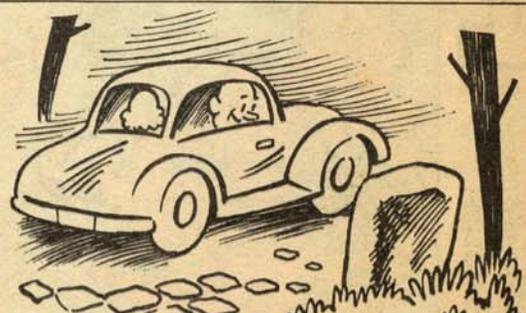
— É. E tem um cúmplice...

— Aceita o repto, leitor. Qual é a explicação do mistério e onde estavam escondidas as pérolas? Boa sorte e... até breve.

## LODO NO CAIS

(Solução do número anterior)

Raul mentiu ao pretender que tinha começado a escrever a carta às 11 e 45. Essa carta estava datada de 21 de Outubro. Portanto, já passava da meia-noite quando começou a escrevê-la. Mentiu para assegurar o seu alibi e, por consequência, é ele o culpado.



## OS MARCOS QUILOMÉTRICOS

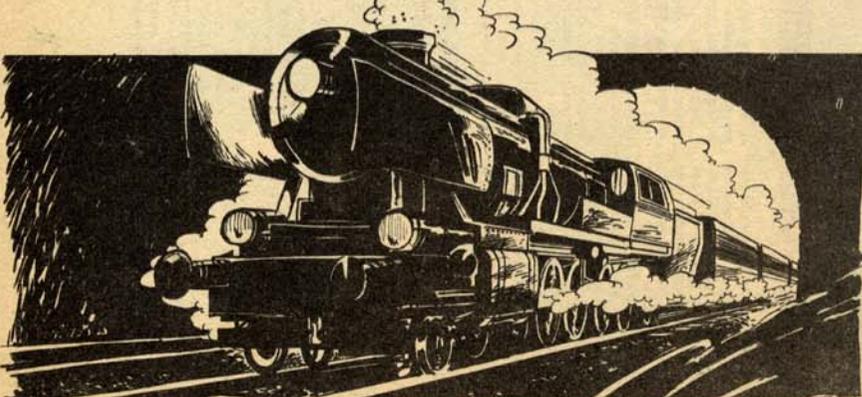
O sr. Felizardo, em viagem de recreio com sua esposa, percorria uma estrada nacional conservando sempre a mesma velocidade. A certa altura passou por um marco quilométrico onde se lia um número de dois algarismos. Um hora mais tarde — exactamente uma hora, contada minuto por minuto — o carro atingia um outro marco quilométrico, cujo número era o inverso do primeiro, isto é: composto dos mesmos algarismos, mas invertidos. Finalmente, uma hora depois, passava em frente de um terceiro marco onde se lia um número composto pelos algarismos do primeiro, na mesma ordem, mas com um zero no meio.

Ora agora, caros amigos, nós gostávamos de saber se algum de vocês, aproveitando estes elementos, pode dizer-nos que números estavam inscritos em cada um dos três marcos e qual era a velocidade a que o carro seguia.

## SOLUÇÃO

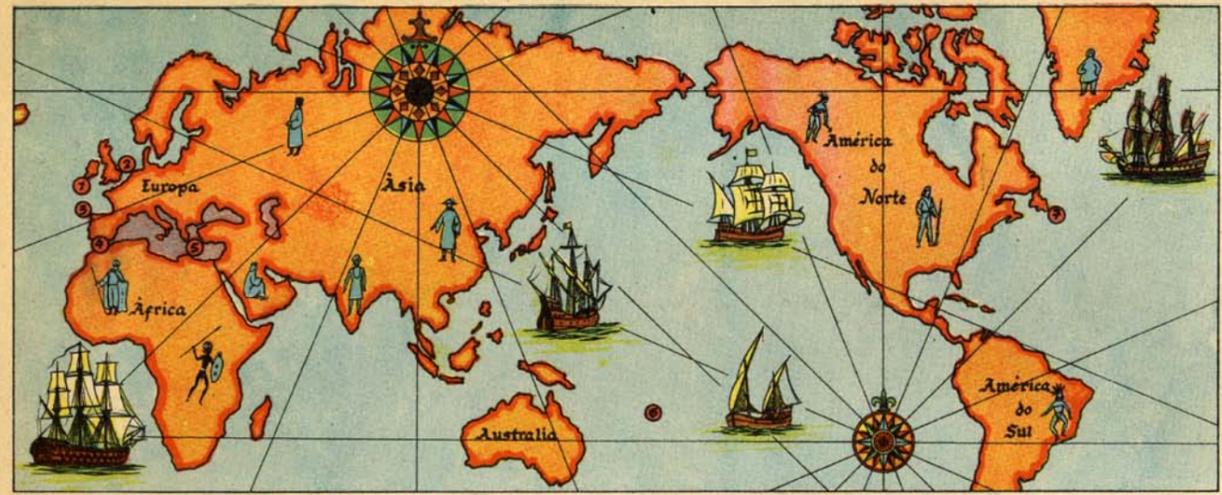
A velocidade do carro era de 45 quilómetros a hora.

1.º Marco, quilómetro 16; 2.º marco, quilómetro 61; 3.º marco, quiló-





# FOGUETÃO



## COMO UM AVARENTO, O MAR GUARDA OS SEUS TESOUROS!

Depois que o batisco do Prof. Picard desceu ao fundo do oceano, a 4.050 metros de profundidade, depois que os abismos submarinos começaram a ser devassados por homens corajosos, já não é proibido sonhar com a exploração das grandes profundidades; mais de 10.000 metros no Oceano Pacífico, por exemplo! Os tesouros que o mar guarda avaramente passam a estar — não ao alcance da nossa mão... seria exagerar! — mas ao alcance dos meios técnicos que dispõe o homem dos nossos dias, ao alcance da sua indomável coragem.

Mas será realmente assim? Debruçemo-nos um pouco sobre o apaixonante problema...

o batisco é agora um instrumento de trabalho dos físicos, dos biólogos, dos oceanógrafos. Entre todas as perguntas que o curioso faz ao sábio, há uma que se encontra nos confins da ciência e da lenda, toda aureolada de mistério e de romantismo.

Essa pergunta é: poderá o batisco encontrar vestígios de civilizações desconhecidas, como a da hipotética Atlântida, uma catástrofe cósmica fez desaparecer?

Poder-se-á descobrir os navios afundados em consequência de um naufrágio, com todas as pessoas e bens que levavam a bordo?

Não será loucura pensar, por exemplo, na recuperação da famosa frota da Invencível Armada, afundada pelos terríveis tempestades do Mar da Mancha? Quais são os meios que actualmente se empregam para tais pesquisas?

Vamos tentar responder a essas perguntas.

Em geral, quando um navio se afunda, o meio de o localizar é de duas coordenadas: longitude e latitude. Meio aproximado, aliás, principalmente quando o naufrágio se dá longe da costa ou em pleno nevoeiro.

Nesse caso, é preciso recorrer a uma busca directa e emprega-se então a sonda de ultra-som, que dá a profundidade da água na vertical do navio que faz as buscas. Uma saliência de 15 metros que apareça de repente num fundo submarino regular, faz supor que no sítio indicado existem destroços. Mas a verdade é que a tal saliência pode muito bem ser um rochedo... Deixa-se então arrastar um cabo pelo fundo submarino. Se esse cabo se prende nitidamente em qualquer coisa, há grandes probabilidades de que seja o navio. Se desliza por cima da saliência, é porque se trata dum rochedo.

E então que ficamos? — perguntarão ainda os curiosos.

Nisto: a única forma de ter a certeza — é o navio? — é um rochedo? — será mandar lá abaixo um mergulhador.

— Pois vamos a isso! — dirão. — Um momento, por favor! As coisas nem sempre correm tão simplesmente. Aliás, no mar nada é simples.

Para descobrir os destroços que se procuram, é preciso «raspar» o fundo submarino numa grande extensão, tanto maior quanto mais incerta for a posição do que se procura. Além disso, as catástrofes marítimas dão-se quase sempre nos mesmos sítios. No mar, como em terra, existem as «curvas fatais», onde por estranha coincidência muitos navios ou automóveis vão ao encontro da Morte. No fundo dos mares — em certos pontos do fundo dos mares — existem verdadeiros «cemitérios de navios». Como encontrar aquele que se procura?

Decerto concordam que o enunciado do problema é suficiente para mostrar a sua complexidade.

Um processo empregado nos últimos anos consiste em enviar ao

10.000 metros de profundidade no Oceano Pacífico Poissado nesse fundo, o Monte Everest, o «stecco do Mundo», teria ainda dois quilómetros de água por cima do seu pico mais alto! Claro que tais profundidades não foram ainda alcançadas, mas o que até hoje se conseguiu é suficiente para nos dar esperanças de que o sejam em breve.

Ignora-se ainda do que é feito o fundo dos mares e o que é, afinal, a camada submarina registada pelas sondas. «Nuvem de animalúculos», tal é a mais recente explicação. Mas

### NESTES PONTOS SE DERAM ALGUNS DOS MAIS CÉLEBRES NAUFRÁGIOS

- (1) Aqui foi torpedeado o «LUSITÂNIA». Mais de 1000 mortos. Esse atentado foi uma das causas da entrada dos Estados Unidos na guerra de 1914-18.
- (2) No Mar da Mancha se perdeu a INVENCÍVEL ARMADA de Filipe II de Espanha. Foi destruída por uma tempestade.
- (3) Ao contrário do que reza a lenda, os GALEÕES DE YIGO continham pouco ouro. No entanto, essa miragem suscitou numerosas burlas.
- (4) TRAFALGAR onde Nelson aniquilou a esquadra francesa, dando um rude golpe no poder de Napoleão.
- (5) SALAMINA, vitória de Temístocles, em 480, sobre o exército persa.
- (6) Nas recifes de Vanikoro naufragaram os navios de LA PEROUSE que empreendera uma expedição à volta do mundo.
- (7) O «TITANIC», cuja tragédia evocámos no nosso primeiro número, encontrou neste ponto o «iceberg» que lhe devia ser fatal.

## Tintin au Tibet

1. «A catástrofe aérea do Nepal — Não há sobreviventes!»... 2. PORMENOR DOLOROSO — Entre os desaparecidos figura um jovem chinês vindo de Hong-Kong e que se dirigia a Londres. Encontrava-se em Patna, à partida do avião precedente; mas a falta de lugar nesse aparelho obrigou-o a esperar até ao dia seguinte e a embarcar no D. C. 3 que iria esmagar-se na maciça de Gosainthan. A vítima deste trágico concurso de circunstâncias chamava-se Tchang Tchong Jen e era filho adoptivo do sr. Wang Jen-Ghié. Tchang! Meu pobre Tchang!... Ai está o que sucede quando se bebe muito champagne! 3. Ah! O senhor, mais o seu champagne! Tchang!... Meu pobre Tchang!... Não morreu?... Não, vive, tenho a certeza! O desastre deu-se há vários dias e ontem, quando vi Tchang, ele estava vivo!... Chamava-me em seu socorro, mas estava vivo!... Mas foi um sonho que você teve... Não é a realidade!... Não sei! Mas que sei é que Tchang está vivo! 4. Vejamos, grumete! 5. Está vivo, digo-lhe eu! Vou fechar a mala e parto para o Nepal! 6. Como?... O quê?... Para o Nepal?... É isso! Vá fazer a bebida! 7. Olga, Tim-Tim... Lamento o seu desgosto e compreendo que esse sonho o tenha enganado. Mas é preciso ser razoável... 8. O que é preciso é salvar Tchang!... 9. Mas como poderá salvar alguém que está morto, com mil milhões de trovozes!... 10. Tchang não morreu!

## O SOL NEGRO

JULGAVA... INSISTIRIA... TANTO... ATÉ MANDARIM UM SOLDADO DA MÃO DE RES... FLORES... NO MARCHAND! NÃO É NOB... MAL! EM QUE QUARTO ESTÁ ELE? NÃO É PORQUÊ? SENHORES! MAS SENHORES... É PROIBIDO! QUAR... TO É? NÃO! NÃO LHE MERE... LEVAMOS A CASA... PARA FORA. NÃO! NÃO LHE MERE... LEVAMOS A CASA... PARA FORA. ALI! DEPRES-SA! ATRO-O BELLA JANE... LA? NÃO! NÃO LHE MERE... LEVAMOS A CASA... PARA FORA. META INMEDIATAMENTE A CASA LA DENTRO! MAS... SÃO DOIS... PARA TRÁS! TODOS! NÃO! NÃO LHE MERE... LEVAMOS A CASA... PARA FORA. APASTEM-SE NA LUNA BOMBA DENTRO DO QUARTO! QUE COME DIA! NÃO! NÃO LHE MERE... LEVAMOS A CASA... PARA FORA. CELUS! NÃO! NÃO LHE MERE... LEVAMOS A CASA... PARA FORA.

1. Ali! «A catástrofe aérea do Nepal — Não há sobreviventes!»... 2. PORMENOR DOLOROSO — Entre os desaparecidos figura um jovem chinês vindo de Hong-Kong e que se dirigia a Londres. Encontrava-se em Patna, à partida do avião precedente; mas a falta de lugar nesse aparelho obrigou-o a esperar até ao dia seguinte e a embarcar no D. C. 3 que iria esmagar-se na maciça de Gosainthan. A vítima deste trágico concurso de circunstâncias chamava-se Tchang Tchong Jen e era filho adoptivo do sr. Wang Jen-Ghié. Tchang! Meu pobre Tchang!... Ai está o que sucede quando se bebe muito champagne! 3. Ah! O senhor, mais o seu champagne! Tchang!... Meu pobre Tchang!... Não morreu?... Não, vive, tenho a certeza! O desastre deu-se há vários dias e ontem, quando vi Tchang, ele estava vivo!... Chamava-me em seu socorro, mas estava vivo!... Mas foi um sonho que você teve... Não é a realidade!... Não sei! Mas que sei é que Tchang está vivo! 4. Vejamos, grumete! 5. Está vivo, digo-lhe eu! Vou fechar a mala e parto para o Nepal! 6. Como?... O quê?... Para o Nepal?... É isso! Vá fazer a bebida! 7. Olga, Tim-Tim... Lamento o seu desgosto e compreendo que esse sonho o tenha enganado. Mas é preciso ser razoável... 8. O que é preciso é salvar Tchang!... 9. Mas como poderá salvar alguém que está morto, com mil milhões de trovozes!... 10. Tchang não morreu!

## O ALFABETO POR SINAIS

ALFABETO MORSE	SINAIS DE BRAÇOS	CÓDIGO MARÍTIMO	SURDOS-MUDOS
j	---	— — —	— — —
k	---	— — —	— — —
l	---	— — —	— — —
m	---	— — —	— — —
n	---	— — —	— — —
o	---	— — —	— — —
p	---	— — —	— — —
q	---	— — —	— — —

## VIAGENS em PORTUGAL

3 — OURIQUE

Manhã cedo... O dia está bonito e nós todos a postos para um novo passeio. Vamos pois, conforme tínhamos combinado, até Ourique.

Onde fica? Que pergunta, caros amigos! No nosso bom Alentejo, no distrito de Beja. É ali, além, edificada sobre um monte de pouca elevação, com o seu castelo, famoso pelas vitórias que Viriato, o grande chefe lusitano, aqui alcançou sobre os romanos, 150 anos antes de Cristo.

Quem fundou Ourique? Pergunta sem resposta! Sabe-se que é uma povoação antiquíssima, mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Quanto ao seu nome, foi Ourik no tempo dos árabes — e esses eternos fatalistas queriam com tal designação traduzir desgraça, adversidade, infortúnio — brr! Os cristãos chamaram-lhe Ourique, que provém — dizem os entendidos — das minas de ouro que por estes sítios havia.

(Continua na página 11)

### ESTAMOS A CRESCER!

Para que sim! Segundo um inquérito estatístico organizado pelas autoridades suíças, a média de altura dos jovens recrutados aumentou nos últimos setenta anos, passando de 1,66 m para 1,73. Houve, pois, um aumento de 7 cm. O mesmo se tem verificado em muitos outros países — inclusive no nosso — não só nos jovens militares, mas ainda entre os alunos das escolas e liceus. Quer isto dizer que o homem da nossa época cresce — e a parece... — mas depressa do que no passado.

Porquê? Quanto a isso, as opiniões dos entendidos divergem. No entanto pode dar-se como provável que os raios ultra-violetas do Sol e os jovens estão mais expostos do que outrora, as ondas de rádio, os raios terrestres, o ruído e o ar viciado das grandes cidades são as causas principais desse crescimento.

Por outro lado, alguns cientistas dizem que ando, senhores, que o crescimento do homem dos nossos dias é absolutamente normal, que o homem ainda não parou de se desenvolver...»

Seja qual for a causa, a verdade é que estamos a crescer!

— Papá, agora já sei que cada tubo tem 3 metros e 20 de pasta dentífrica.

## OS NOVOS SELOS DE TIMOR



COM MOTIVOS DE ARTE INDÍGENA



### A TERRA ESTÁ A ENGORDAR!

Tal como acontece com os seres humanos de terra idade, o nosso planeta ainda não deixou de engordar!

Segundo o geo-físico Dicke, a circunferência do globo aumenta regularmente meio milímetro por ano. A causa do fenómeno resultaria ou de uma diminuição da gravidade (que varia em função inversa da idade do Universo) ou de uma alteração do equilíbrio físico existente entre a crosta e o núcleo interno (e, em consequência, de uma mudança de estado no interior do planeta). Esta expansão, que permitiria anotar certas características da superfície terrestre e em especial das fendas verificadas no fundo dos oceanos, corresponderia, desde a formação do Globo, ou sejam 3 bilhões de anos, a um aumento de 4,5". A Terra é ainda, na verdade, um planeta-bébé!

DESVENTURAS DO TINTIN

CRRAC

CRAIK

CROTCH CRATCH

BASTA! ESTOU FATIADO DE TE OUVIR PARTIR NOZES!

HÁ TRÊS SEMANAS QUE ANDAS NISSO, AINDA TENS MUITAS NOZES?

DESAPARECE-ME COM ESSAS MALDITAS NOZES! NÃO QUERO VER AQUI NEM UMA.

HOP

# Joe Tormenta em O RAPTO DA CIENTISTA



PONHA O SEU SUBMARINO EM ACÇÃO! NÃO PODE FALHAR!

MAIS ALGUMA COISA?

BOA SORTE, TORMENTA! VAI PRECISAR DE MUITA!

A BORDO DE UM MISTERIOSO JUNCO, NO PACÍFICO, O PRIMEIRO OFICIAL RECEBEIA ORDENS DE UM ESTRANHO CAPITÃO...

VAMOS ALTERAR O RUMO!



ANTES DE PARTIR, TORMENTA FOI REQUISITAR O EQUIPAMENTO DE QUE PRECISAVA...



JOE TORMENTA! QUE BOM VENTO TE TRAZ?



VIVA, JACK! TENHO AQUI UMA LISTA DE COISAS DE QUE NECESSITO...

VALHA-ME DEUS, RAPAZ! VAIS DECLARAR GUERRA A ALGUÉM?



O MATERIAL CONSTANTE DA LISTA ESTÁ PRONTO!



OBRIGADO, JACK! E AGORA, A CAMINHO!



NÃO SEI! A AVALIAR PELOS CLADOS DO CAPITÃO DIR-SE-IA OIRO!



AINDA BEM QUE VOLTAMOS! SENTIAMOS MUITO A SUA FALTA!



ESTÁ A BRINCAR / UMA MULHER?



SIM, UMA CIENTISTA! ESTIVE A ANALISAR OS ÚLTIMOS RELATÓRIOS DELA E TENHO UM PALPITE DE QUE A ENCONTRAREMOS PERTO DA ILHA COOPER!

ILHA COOPER? NUNCA OUVI FALAR NELA!

SÓ ESPERO QUE OS Nossos INIMIGOS A NÃO CONHEÇAM TAMBÉM! NÃO VEM NOS MAPAS!



COMANDANTE! ESTAMOS A VISTA DA ILHA!



ÓPTIMO! AVISTA-SE ALGUMA COISA?

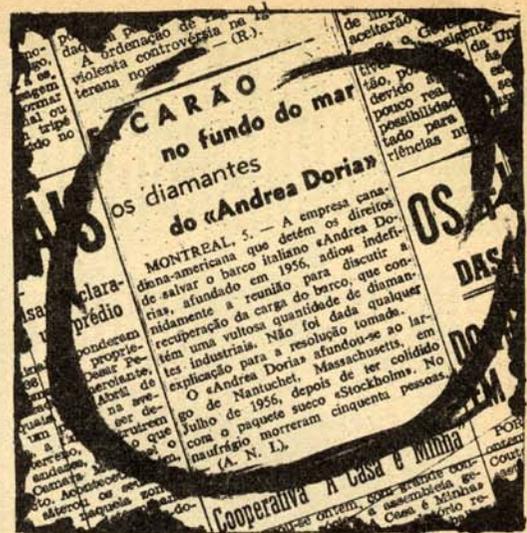


SILÊNCIO! AQUI TRABALHAM UM GENÍO!

APENAS UM BARCO A VELA ENCALHADO NA PRAIA... VAZIO!

ALGUMAS HORAS DEPOIS...

CONTINUA



## O MAR GUARDA OS SEUS TESOUROS

(Continuação da central)

Depois, uma tempestade deu origem a uma corrente submarina que enterrou a fragata sob uma camada de areia de vários metros de espessura. E verificou-se que, sem meios técnicos mais aperfeiçoados, não seria possível fazer nada.

Vinte anos passaram. De 1821 a 1857, uma empresa especialmente criada para tal efeito, mobilizou todos os seus meios, sem obter qualquer resultado. E inesperadamente, quando já se pensava em abandonar os trabalhos, a camada de areia foi varrida por uma nova corrente contrária à que a havia trazido. Os mergulhadores conseguiram então trazer à superfície uma quantidade apreciável de lingotes.

Mas o Mar do Norte — talvez mais do que todos os outros mares — é caprichoso e de novo pregou uma partida aos que lhe queriam arrebatar a presa: em 1858, os destroços foram cobertos por uma camada de areia tão espessa, que os trabalhos se tornaram impossíveis. Despesa e dificuldades aumentavam de forma espantosa.

Durante seis anos, os destroços de «La Lutine» não receberam mais visitas. Depois, tentou-se tirar a areia, empregando uma draga. Sem resultado.

Os anos passaram nessas tentativas vãs, até que a guerra de 1914 obrigou a interromper os trabalhos. E, apesar de vários projectos engenhosos, esses trabalhos nunca mais foram retomados e os milhões de «La Lutine» continuam no fundo do mar.

Como este, quantos navios, quantos tesouros não jazem nos abismos, avaramento guardados pelo oceano? Lembremos, por exemplo, a frota

francesa incendiada em Abuquir pelas forças de Nelson, os navios do explorador La Perouse, naufragados nos rochedos de Vanicoro, nas Hébridas, a fragata «Medusa» perdida por incompetência do comandante na costa da Senegâmbia, o «Titanic», cuja história cantamos no nosso n.º 1, o «Lusitânia» torpedado durante a primeira guerra mundial. E tantas, — infelizmente tantas! — naus portuguesas naufragadas nos mares da Índia, da África ou das Américas, carregadas de tesouros e de preciosas vidas humanas!

A primeira vista poderá parecer que recuperar esses navios é coisa fácil, para o homem dos nossos e dos futuros tempos, ajudado por assombrosos meios técnicos. Mas será realmente assim? Do ponto de vista «rendimentos», semelhante empresa aparece-nos sob o seu verdadeiro aspecto quando sabemos que um mergulhador, trabalhando a certa profundidade, ganha qualquer coisa como o equivalente a 2000\$00 à hora! Isto sem contar com as despesas geradas... Quanto aos cadáveres dos pobres naufragados, ao fim de um certo tempo de imersão desaparecem, dissolvem-se, são devorados pela fauna submarina. O esqueleto do timoneiro agarrado para toda a eternidade à roda do leme, é uma imagem a classificar na secção: lendas.

Daqui podemos concluir que, para emprender pesquisas submarinas de recuperação de destroços, são precisos: muito dinheiro e uma forte dose de optimismo ou de inconsciência. É certo que existem no mundo empresas sérias de recuperação de destroços, mas essas podem contar-se pelos dedos. As outras, ou são dirigidas por iluminados ou... por cavalheiros de indústria.

Decididamente, os tempos actuais são impiedosos para os poetas!

# Jornal de Ontem - JORNAL AMANHÃ

DE PROGRESSO EM PROGRESSO, UMA NOVA TÉCNICA DE ESCRITA COMPOSTA DE 2000 SINAIS

Babilónia, 2000 (A. C.)  
Decididamente, os conhecimentos humanos estão em via de franco progresso. Os escribas babilónios empregam agora em todos os seus documentos uma nova forma de escrita figurativa, composta de 2000 sinais, representando toda a espécie de aves, peixes, insectos, assim como as diferentes partes do corpo humano e todos os objectos que se possam imaginar.

Os caracteres dessa escrita são em forma de canha, o que facilita o seu traçado por meio de estilete, sobre tábuas enceradas. Cada sinal repre-

## DEUS O QUER!



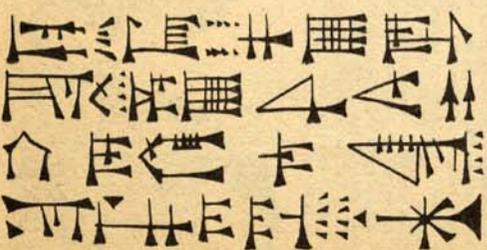
Clermont, 26 de Novembro de 1095.  
Nim discurso cheio de emoção, pronunciado perante o Concílio actualmente reunido em Clermont, o Papa Urbano II lançou um apelo a todos os cristãos para que partam em cruzada contra os infiéis que estão de posse dos Lugares Santos. Ao mesmo tempo afirmou que, aqueles que correspondem ao apelo, serão assim penitência pelos seus pecados.

O fim da Cruzada é, evidentemente, a tomada de Jerusalem. Os cruzados levam como insignia uma cruz de pano vermelho sobre o peito. O seu grito de guerra

será: «Deus vult, Deus o quer!»  
O primeiro a erguer a cruz em resposta ao apelo do Papa foi Ademar, arcebispo de Puy, que Urbano II nomeou chefe da Guerra Santa.

Está marcada para a partida dos primeiros exércitos a data de 15 de Agosto próximo. A concentração far-se-á em Constantinopla, depois de as tropas atravessarem o Bósforo para entrarem na Ásia Menor.

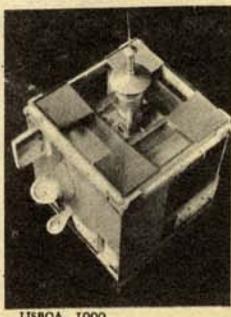
Afirma-se nos meios bem informados que este apelo do Papa é o resultado dos pedidos de auxílio cada vez mais afiados de Alexandre I, Imperador do Oriente, que vive sob a constante ameaça dos Turcos.



Julga-se que este sistema de escrita, tão diferente da usada pelos egípcios,

Fazemos notar que a referência (Antes de Cristo) serve apenas para localizar o facto descrito no decorrer do tempo. Partindo do princípio de que as nossas notícias são dadas por um repórter imaginário que estivesse vivendo na época em que os factos acontecem, compreende-se que este não podia datar as suas notícias de «ano tal (Antes de Cristo)... a não ser que tivesse o dom de adivinhar que Cristo iria nascer.

## A MÁQUINA DE CONSTRUIR CASAS EDIFICA EM POUCAS HORAS A VIVENDA DOS NOSSOS SONHOS



LISBOA, 1990  
Pela primeira vez em Portugal uma vivenda foi construída em poucas horas, com o emprego da «máquina de construir casas», que a América do Norte vem usando de há dez anos para cá.

Em oito horas da manhã de ontem — 10 de Junho — quando um veículo-agrimensor apareceu para medir o terreno onde a vivenda ia ser construída. Imediatamente saíram do carro as estacas de demarcação, que se cravaram mecanicamente no solo.

Foi então a vez de um cortejo de camiões munidos de uma impressionante aparelhagem, de numerosas máquinas e de uma niveladora gigante, que em poucos minutos nivelou o terreno.

Em seguida, uma perfuradora abriu as cavidades necessárias, nos pontos já marcados no solo.

Terminado esse trabalho surgiu um carro que desenrola tapetes de borracha em determinados locais. Uma bomba pneumática entrou em acção: e então vimos os tapetes de borracha erguerem-se. Completamente cheios de ar em poucos instantes, formaram elementos de construção rectangulares, que se elevaram tão direitos como a mais directa parede de tijolo. Seguidamente estas formas de borracha foram, por meios automáticos, revestidas de armaduras de ferro e de cimento.

Até então nem um único homem tinha aparecido. Todo o trabalho se fizera automaticamente. Foi só depois que chegou um técnico para verificar o trabalho executado. Abrindo as válvulas das formas de borracha, esvaziou-as. Em seguida um braço automático fê-las sair do interior das paredes fabricadas, dobrou-as, empilhou-as e tornou a carregá-las no camião.

E a «máquina de construir casas» lá se foi para edificar algures outra vivenda, dando lugar à equipa de operários que vão proceder à montagem das instalações interiores desta e aos acabamentos.

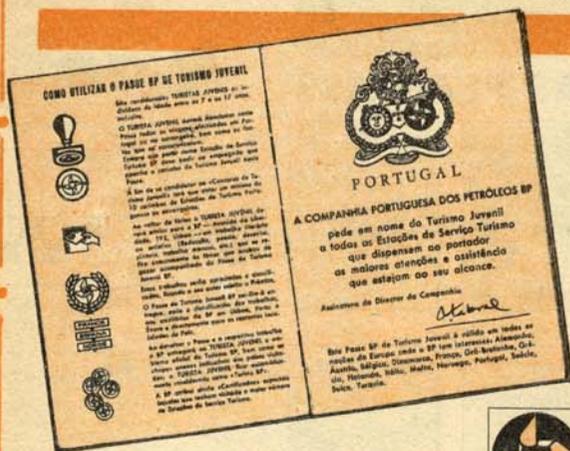
Tudo o que, maravilhosos, presenciamos, não demorara mais de cinco horas!

# O «PASSE BP DE TURISMO JUVENIL»

## É UMA DAS MAIORES ATRAÇÕES DO TURISMO



DE 1961



O Turismo BP tem dado provas excepcionais em toda a Europa. Turista que o utilize sabe que tem nas mãos a garantia dumas Férias Felizes, através dum conjunto de elementos que o elucidam por completo em tudo o que diga respeito à sua viagem.

Este ano, para além de todos esses motivos de interesse, a BP criou, em toda a Europa, o «Passe BP de Turismo Juvenil» que se destina expressamente a todos os jovens turistas.

### A VIAGEM DE RECREIO TRANSFORMA-SE NUMA VIAGEM DE ESTUDO

Sim. Todo o rapaz ou rapariga munido do seu «Passe BP» pode obter da sua viagem conhecimentos que lhe passarão ao lado sem que ele os notasse. O «Passe BP de Turismo Juvenil» faz-lhe criar o gosto pelo desconhecido. A viagem, deste modo, transforma-se de simples recreio num estudo automático. E é um estudo agradável, fácil, divertido...

### ALÉM DISSO, NO REGRESSO A CASA, HÁ PRÉMIOS QUE O ESPERAM...

Exactamente. Que resultados práticos pode o «Passe BP» proporcionar ao jovem? Sem falar no seu interesse pelos conhecimentos obtidos, há ainda a possibilidade do jovem ganhar prémios BP. O processo é fácil. Faz um ou vários desenhos do que viu, escreve as suas impressões e manda esse trabalho, ou trabalhos, para a BP. Um júri apreciará esse trabalho. E os que demonstrarem ter apreendido um máximo de conhecimentos serão premiados especialmente.

### A MAIOR FACILIDADE QUANTO À SUA UTILIZAÇÃO

O «Passe BP», tal como qualquer passaporte, será carimbado nas várias Estações de Serviço TOURING SERVICE da Europa por onde o jovem turista passar. Quantos mais carimbos melhor! Porque por cada País o turista receberá uma chapa identificativa, além do emblema oficial do Turismo BP ou um diploma comprovativo da sua classe de turista no estrangeiro.

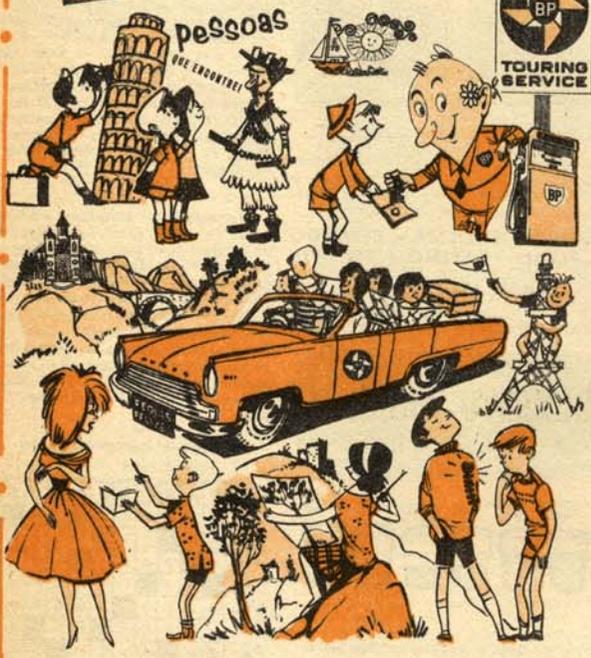
O importante é isto: o «Passe» tem que ser carimbado!  
O resto pertence ao seu possuidor.

### OS JOVENS GANHARÃO UMA PERSONALIDADE MAIS FORTE...

...porque há na viagem uma coisa que lhes é expressamente dedicada: o seu «Passe de Turismo» próprio. O «Passe BP de Turismo Juvenil» começa a funcionar logo que a viagem começa. Cada jovem terá assistência especial em Portugal e em toda a Europa...

### E UMA SENSACIONAL VIAGEM ESTÁ A ESPERA DELES!

O «Passe BP de Turismo Juvenil» pode ser adquirido com o «Saco de Férias» em todos os postos de Turismo BP de qualquer ponto do País ou ainda na sede da BP em Lisboa, Avenida da Liberdade, 192, ou nas Filiais do Porto e de Évora.



# O ENIGMA CHINÊS

## UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

Buster Webb procura uma misteriosa estatua, igualmente cobrada por perigosos bandidos. Dirige-se por isso ao hospital onde trabalha o Dr. Rossetti, que está de posse do Buda...

### EM PERSEGUIÇÃO DO BUDA

Literalmente enraivecido por sentir de novo em seu encaixo o misterioso perseguidor, Buster Webb saltou para os degraus da escada e entrou como um furacão no Hospital Carver.  
— Que deseja? — perguntou uma solícita enfermeira.  
— Eu... Desculpe! Sou Webb, o ex-sargento Buster Webb, antigo combatente da Coreia. Procuro um camarada que foi operado pelo Dr. Rossetti. Gostava de poder falar ao doutor sem demora...  
— O serviço de cirurgia é no primeiro andar. Ao fundo do corredor encontrará o elevador. Mas recelo que o Prof. Rossetti esteja nesta altura muito ocupado. Tinha tantas operações para esta manhã...  
— Obrigado. Eu espero lá em cima. Muito obrigado.

E o rapaz apressou-se em direcção ao ascensor, que pouco depois o deixava num corredor cujas paredes brancas, luzentes como espelhos, pareciam impregnadas de um cheiro persistente a iodoformio.  
— Quem procura? — perguntou um servente, todo vestido de branco, como um pasteleiro.  
— O Dr. Rossetti...  
— O Sr. Professor só recebe na consulta das 5 às 7. Tem visita marcada?  
— Não, mas é muito importante. Preciso absolutamente de ver o doutor com urgência, para um assunto pessoal.  
— Nesse caso, sente-se ali. Ele agora está a operar, mas, quando acabar, tem que passar por aqui. Talvez possa então aproveitar para lhe dizer qualquer coisa...  
— É muito amável... — murmurou Buster, deixando-se cair sobre um banco.  
E pensava... «Oxalá não demore muito! Receio a cada momento ver surgir aqueles patifes a quem acabo de fazer graças ao bom do chinês...»  
Finalmente a porta da sala em frente abriu-se. Uma enfermeira saiu. Depois outra. Daí a minutos a porta tornava a abrir-se, desta vez de par em par, dando passagem à maca com o operado, empurrada por dois serventes. Por fim, minutos mais tarde, foi a vez dos médicos, todos três de máscara e barrete branco. Um deles tinha salpicos de sangue na bata.  
— Professor Rossetti? — interrogou Buster, levantando-se.  
— Sou eu — respondeu um dos médicos, ao mesmo tempo que tirava a máscara. — Se precisa de me falar, tenha a bondade de me seguir ao vestiário. Assim ganharemos tempo.  
Enquanto o professor se desembaraçava do traje profissional, cujas peças ia lançando numa caixa metálica de pedal, Buster aproximou-se dele e disse-lhe ao ouvido: «Igor cumprimenta Buda».  
O médico teve um imperceptível movimento de surpresa.  
— Vem então da parte de...  
... da parte do seu cliente John Forester, que lhe deixou ontem em depósito um ídolo indu. Informo-o de que o pobre tipo deve ter

sido raptado por pessoas a quem esse objecto parece interessar prodigiosamente.  
— Diabo! — exclamou o professor. — Com efeito, o velho disse-me que se sentia ameaçado. Durante uma visita feita a hora já tardia, deixou-me uma caixa com o Buda e pediu-me que a entregasse à pessoa que pronunciasse a frase que o senhor acaba de dizer. Venha comigo ao meu quarto. Vou restituir-lhe o tal ídolo. Não tenho o menor desejo de conservar por mais tempo em meu poder um depósito tão perigosamente cobinado.  
Momentos depois o doutor estendia a Buster uma pequena caixa de cartão que escondera atrás de uma fileira de livros da sua estante.  
— Mas... — exclamou. — Ia jurar que tinha atado isto com um cordel... Bom! O essencial é que a estatua aí esteja, como poderá verificar. Esse Buda de cobre talvez seja autêntico, mas não me parece de grande valor. Julgo que já tenho visto alguns semelhantes em diversos antiquários...  
— Muito obrigado, doutor! — voltou Buster. — Confesso-lhe que, pela minha parte, não sei ao certo do que se trata e onde pode residir o seu interesse. A missão de que fui incumbido é simplesmente levar este objecto ao seu proprietário, que parece ligar-lhe grande importância. Desculpe-me tê-lo incomodado. E mais uma vez muito obrigado!  
Com o pequeno embrulho escondido no blusão, Buster desceu a escada. Pela janela deixou os olhos para a rua.  
— Céus! — exclamou. — Não me enganou! É a carrapana verde que ali está, aquela que me raptou esta manhã. Não há dúvida que os patifes se puseram de guarda em frente do hospital para me interceptarem a passagem. Como hei-de sair desta ratoeira?  
O patamar da entrada era precedido de um jardimzinho que um gradeamento separava do passeio. Ao fundo da escada uma ambulância esperava. Tinha na carroceria as palavras «Carver Hospital» sobre as quais se via uma cruz vermelha em fundo branco.  
— Sim! — murmurou o rapaz, depois de um momento de reflexão. — Talvez seja uma ideia...  
Rapidamente, tornou a subir até ao vestiário. Envergou uma longa bata branca e pôs na cabeça um boné preto de pala de coiro que pendiam dum cabide. Assim disfarçado e ocultando o rosto no seu vasto lenço, como se estivesse a enxugar o suor, atravessou o átrio e correu para o volante da ambulância.  
Arrancou como um furacão, enquanto a sireia do carro com a cruz vermelha, vivandando continuamente, lhe abria caminho.  
— Creio que não deram por nada — disse, quando após numerosas voltas, chegou ao terreno abandonado onde na véspera deixara o seu camião. — Agora só me resta desembaraçar-me deste disfarce e voltar a Merrit o mais depressa possível com o meu precioso Buda.  
Deixou a ambulância encostada a um passeio, encheu o reservatório do camião e saiu da cidade pelo lado Sul. Em breve as casas começaram a rarear, e foi com um verdadeiro suspiro de alívio que Webb entrou numa bela estrada, bem plana, sombreada por uma dupla fileira de árvores.  
— Desta vez acabaram-se os aborrecimentos! — disse, premindo



com embriaguês o acelerador. — Missão cumprida! Como se dizia na tropa...  
Mas, exactamente nesse instante, avistou pelo retrovisor um carro verde que avançava manifestamente em sua direcção.  
— Maldição! Os patifes têm o diabo no corpo. Pois eu ia jurar que os tinha despistado... Ah! Meus rapazes, mas ainda não é desta que me apanham!  
A relativa estreiteza da estrada não permitia uma ultrapassagem, a não ser que o camião se encostasse para a direita. Por isso Webb se viu na necessidade de não sair do centro, desviando-se mesmo ligeiramente para a esquerda, a fim de evitar qualquer tentativa audaz.  
Buster apoiava ao máximo sobre o acelerador. O carro verde businava com raiva, como qualquer inocente turista arreliado com um importuno que impede a circulação. No entanto, após alguns minutos passados naquele jogo, os bandidos deixaram cair a máscara. Ouviram-se tiros.  
— Patifes! — rugiu Baxter. — Querem furar-me os pneus! Pois joguem tudo por tudo. Assim o quiseram, assim o têm!  
Estoicamente, fingiu que se deixava apanhar, e depois, num golpe seco, travou, agarrando-se ao volante. O carro verde não tivera tempo de parar. Uma pancada magistral abalou a rectaguarda do camião, prova de que a manha tinha produzido efeito.  
— Como eles devem ter ficado! — exclamou Buster alegremente, ao voltar a partir com um bólido. — Não creio que ainda tenham muita vontade de vir atrás de mim...  
Mal tinha, porém, percorrido três quilómetros, quando saltou um grito de raiva. Surgindo bruscamente de um pequeno caminho lateral, um grande carro negro acabava de se atravessar na estrada, obstruindo a passagem em toda a sua largura.

NA PRÓXIMA SEMANA: CAMINHOS IMPEDIDOS



# PASSATEMPOS

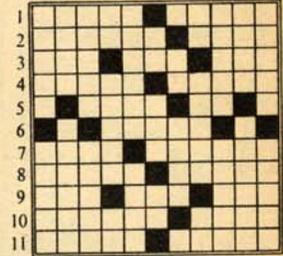


A PROCURA DE UMA PALAVRA

4



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



**Horizontais:** 1—X...; X...2—Nome de mulher; régio. 3 — Variedade de carbonato de cal; esteiro de rio; larva, que se cria nas feridas dos animais. 4 — Charrua sem jogo dianteiro; pôr em rumo uma embarcação. 5 — Rasteiro; nota musical. 6 — Nome de mulher. 7 — Superfície plana, delimitada; planta da família das compostas, empregada em medicina. 8 — Dança; habitas. 9 — Planta lamícea; sacerdote maometano; amarra. 10 — Excursões; lavar. 11 — Restos mortais; carvão incandescente.

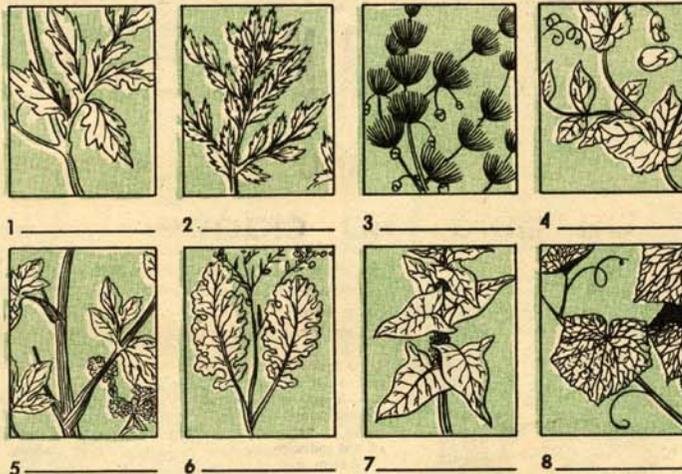
**Verticais:** 1 — Perspicaz; comunicação. 2 — Chefe de tribo muçulmana; imploravas. 3 — Dizer orações; seguros. 4 — Plural (abrev.); nome de um jogo; luto. 5 — Gentil; camareiras. 6 — Gemido; agora; manuscrito (abrev.). 7 — Aspecto; freira. 8 — Figurar; triunfante; viração. 9 — Sinal de notação usado outrora no canteiro; animal carnívoro do Brasil. 10 — Desequilíbrio mental; respeitais. 11 — Intj. que exprime satisfação; guarnecera de asas.

(Solução do número anterior)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

1	P	A	S	T	E	U	R	T	E	
2	C	A	M	A	R	I	M	C	A	
3	O	T	A	I	V	L	A	M	A	
4	L	O	S	O	A	R	M	A	L	
5	A	A	R	A	P	A	R	A		
6	B	A	R	B	A	S	A	R	A	
7	O	R	B	I	T	A	P	A	M	
8	R	E	U	A	P	T	O	M	A	
9	A	N	T	A	A	I	L	A	R	
10	A	O	P	R	O	P	O	R	A	
11	A	S	M	I	O	S	O	T	E	

## RECONHECEM ESTAS PLANTAS?



Estão aqui desenhadas oito plantas muito conhecidas. Reconhecem-nas? Escrevam debaixo de cada ilustração o nome da planta que ela representa. Para facilitar a prova, damos, por ordem alfabética, os nomes das oito plantas.

**AIPO — CENOURA — ERVILHA — ESPARGO ESPINAFRE — NABO — PEPINO — TOMATE**

### SOLUÇÃO

1 Tomate; 2 cenoura; 3 espargo; 4 ervilha; 5 aipo; 6 nabo; 7 espinafre; 8 pepino.

## UM INSTRUMENTO ORIGINAL



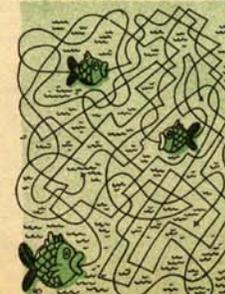
Querem um passatempo original e instrutivo? Pois entrem-se a construir um xilofone... com copos.

Todos sabem, naturalmente, que um copo vazio produz um som mais claro do que outro cheio. Partindo deste princípio, se deitarmos água a diversas alturas em vários copos, batendo com uma colher ou a ponta de uma faca nas bordas desses copos os sons obtidos serão diferentes. E, assim, com oito copos ser-nos-á possível obter uma oitava musical completa: de dó a dó.

Vamos, pois, arranjar oito copos todos iguais em tamanho e qualidade e deitamos-lhes água. O primeiro estará cheio, o segundo terá um pouco menos,



o terceiro menos ainda e assim por diante, até ao oitavo, que conterá muito pouca água. Depois, coloquemos «o instrumento» na nossa frente, e tentemos tirar dele as notas da escala musical. Com um bom treino não será difícil executar uma melodia simples. A fechar, uma breve observação: os copos devem produzir sons musicais e não... cacos...



## SÓ PARA VOCÊS (CONFIDENCIAL)

Iticé +to a gos:

hister, di m Qm

derro UU aus-

acos na Alha

feri.

ra Qm pon DO

ERADO, i 1

FECHÉ ço -DA

chF

### SOLUÇÃO DA CARTA HIROGLÍFICA

Meus Amigos: Se são fortes em História, digam lá quem foi que derrotou os austríacos no batalho de Solferino. Para quem responder certo, vai um abraço do **Piloto Chefe**. Solução: Os franceses, em 24 de Junho de 1859.

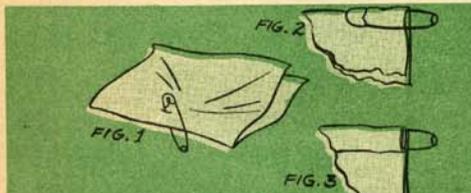
### LABIRINTO

Mamã Peixinho Vermelho pediu os seus dois Meninos Peixinhos Vermelhos. Quem é capaz de os encontrar, restituindo a paz a esta família aquática?

## por artes mágicas

### O ALFINETE MÁGICO

É um truque muito conhecido pelos prestidigitadores de salão, mas que resulta sempre. Trata-se um alfinete dos chamados «de ama» que, depois de pregado num pedaço de pano, é possível tirar, sem o abrir nem rasgar o tecido.



Num lenço que se pede a qualquer dos espectadores e se dobra ao meio, prega-se um desses alfinetes (fig. I). Assim preparado o truque, entrega-se o lenço com o alfinete a um dos espectadores e pede-se-lhe que tire o alfinete sem o abrir e sem rasgar o tecido.

Naturalmente, a pessoa em questão não é capaz de o fazer e, então, o artista executa o truque num abrir e fechar de olhos. Dispõe-se o alfinete e o lenço segundo mostra a figura II. Depois enrola-se o lenço, tapando o alfinete, com uma ou duas voltas bem apertadas (Fig. III). Convida-se então o espectador a puxar novamente o alfinete pela extremidade A, enquanto o artista faz o mesmo ao lenço, mas em sentido contrário. O alfinete desprende-se como por encanto (Fig. IV) e o prestidigitador mostra o lenço sem qualquer rasgo.

Não há aqui truque algum. Operando exactamente como se explicou, o efeito faz-se por si próprio. No entanto, aconselhamo-los a não improvisarem o passatempo com qualquer alfinete, pois há alguns com defeitos que tornam o caso difícil. É por isso de aconselhar que ensaiem bem e verifiquem o material, antes de tentarem a experiência em público.

depois, metem-se os selos numa pequena banheira com água; alguns terão que ir mesmo para um copo de água morna,



tendo-se o prévio cuidado de separar as cores que possam desbotar, ou de deitar na água um pouco de sal, que fixará essas cores.

Depois da lavagem e tudo descolado, secam-se em papel mata-borrão e guardam-se, a esmo, numa caixa, até estarem completamente secos.



**AUSTRÁLIA**

Aos que se dedicam a coleccionar a fauna dos diversos países, oferece a Austrália este magnífico selo de 9 dinheiros, com a imagem do animal característico desse continente: o canguru.

## A ESTRELA DA SEMANA

### CAPUCINE

Vimo-la em «A terra das mil aventuras», com John Wayne e Stuart Granger e «Sonho de Amor», com Dirk Bogarde, e decerto a veremos em muitos mais filmes, porque a Columbia, com a qual assinou um contrato a longo prazo, a considera uma segunda Deborah Kerr, o que é um belo elogio.

Nascida na cidade francesa de Toulon, Capucine, que se chama na verdade Germaine Lefèvre, teve desde muito jovem a elegância e a beleza de uma grande dama.

Com tais trunfos, estava naturalmente indicado que ela, rapariga pobre, escolhesse uma carreira onde a beleza e a elegância fossem qualidades primordiais. Fez-se manequim e em breve se tornava uma das figuras mais destacadas da alta costura francesa. Eleita manequim-vedeta, Capucine teve oportunidade de viajar muito, mostrando ao mundo as colecções da moda francesa, mas foi também seguindo um curso de arte dramática, na secreta esperança de vir um dia a ser actriz.

De facto, quando se encontrava de passagem por Nova Iorque, foi notada por um agente dos estúdios de Hollywood, que lhe propôs fazer a clássica prova. Capucine aceitou imediatamente, satisfeita por encontrar assim o caminho dos seus mais secretos



desejos. Isso não impediu que — modestamente — ficasse muito admirada ao saber que tinha sido escolhida entre cem candidatas, algumas delas artistas consagradas, para interpretar o papel delicado de princesa Carolina em «Sonho de Amor».

O seu segundo filme foi «A terra das mil aventuras». E eis Capucine, jovem francesa de Toulon, ex-manequim de alta costura, figura de primeiro plano no mundo de Hollywood com que sonham tantos milhares de raparigas no mundo inteiro!

Na próxima semana poderão ler a biografia do galã de «Sonho de Amor».

DIRK BOGARDE

# ATENAS, ANO—400

## Mnésiclès (13 anos) e o seu escravo servem-nos de guias na cidade

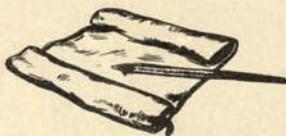
**N**AQUELA manhã, pouco depois do nascer do Sol, Mnésciclès sentou-se na cama. Era uma espécie de tarimba de madeira, com o fundo formado por correias e uma esteira de junco a servir de colchão. O rapazito bocejou longamente, pois nesse mês de metagition (Agosto) as noites passavam-se em meias insónias, perturbadas pelo zumbir dos mosquitos e, principalmente, pela agressividade manhosa de outros insectos caseiros. Deitando para trás os cobertores (o uso dos lençóis era então desconhecido!), Mnésciclès dirigiu-se à vasta bacia de pedra construída no pátio da casa e, com uma mistura de cinzas e potassa — porque o sabão só mais tarde devia aparecer — lavou o rosto e o corpo. Aquelas abluções aliviavam as comichões causadas pelas mordeduras dos insectos, mas faziam «arder» os olhos, o que todas as manhãs arrelviava o nosso rapaz.

Em seguida, o jovem ateniense envergou uma túnica apertada na cintura por um cinto e que deixava a descoberto o ombro direito. E eis chegado o momento de se dirigir à cozinha para comer um pedaço de pão de centeio. Em redor da lareira, cujo fumo se escapava por uma abertura no tecto, Mnésciclès foi encontrar seu pai, sua mãe, sua irmã, os dois criados que preparavam a refeição e Hermodias, o pedagogo. Este era um antigo prisioneiro espartano, um escravo ao serviço pessoal do rapazito, a quem devia ensinar as boas maneiras e acompanhar à escola.

Pouco depois, Hermodias conduzia o seu pupilo à escola do gramático Tirésias, que vivia no outro extremo da cidade, no bairro operário da cerâmica. A chuva encharraca as ruas, algumas das quais eram autênticos poços de lama.

— Que Deus nos livre da peste! — murmurou Hermodias. — Esta cloaca encerra as divindades infernais. Vamos ter este ano muitos mortos!

No ano 400 Antes de Cristo, conheceu Atenas o período mais brilhante da sua civilização. Estava então sob a protecção da deusa do pensamento. Mas as suas ruas mal alinhadas e cheias de lama formavam no inverno verdadeiros pântanos, quase impraticáveis. Na cidade morria-se de peste. Suponham que travámos conhecimento com um jovem ateniense dessa época e que com ele passámos alguns dias...



O professor Tirésias vivia numa casa de adobe, na frente da qual se amontoavam pedaços de barro, pois de cada lado havia oficinas de oleiro. Nessa casa, de um único compartimento, mobiliada apenas com bancos, estavam já alguns rapazes escrevendo em tabuinhas, pequenos rectângulos de madeira enxada que eram pouco mais ou menos o que hoje são as ardósias escolares. Para escrever usava-se um estilete, cuja extremidade inferior arredondada servia para apagar.

Tirésias só ensinava duas coisas: a aritmética, ciência das mais árduas por causa da numeração, que constava de 27 sinais, mas não tinha zero... e a *Iliada* e a *Odisseia*, obras que resumiam para os atenienses tudo quanto um homem deve saber: actividades de tempo de paz, de tempo de guerra, profissões, política, diplomacia, sensatez, cortesia, etc.

A lição terminava quando o Sol atingia o zenite: eram horas de regressar a casa para comer. Depois de uma refeição composta de peixe, trazido do mercado da Ágora, de figos frescos e azeitonas, tudo disposto sobre fatias de pão de aveia, como se fossem pratos, e comido com os dedos, Mnésciclès saía de novo com Hermodias para se dirigir a casa de outro mestre, Agathos, o professor de ginástica. Agathos encontrava-se já na palestra... Perdió! O mestre de ginástica não estava entregue às delícias da conversa. «Palestra» era o recinto onde se fazia ginástica. Agathos,

como todos os da sua classe, vestia um manto cor de púrpura e tinha na mão uma longa vara bi-partida, que era ao mesmo tempo a insignia da sua profissão e... instrumento para castigar os alunos indisciplinados.

Assim que chegava à escola de ginástica, Mnésciclès tirava a túnica e lavava-se na fonte. Depois untava o corpo com óleo e espalhava sobre os membros uma chuva de areia ou de pó. Feito isto, o nosso rapaz punha-se a escavar o solo, excelente exercício, é certo, mas que tinha como fim principal preparar o terreno para a lição. Essa lição constava de provas de marcha, salto em comprimento, lançamento do disco e do dardo.

Assim que ela terminou, Mnésciclès pegou numa pequena espátula de bronze — o estrigli — e pôs-se a limpar a pele da camada de areia, de óleo e de suor que a cobria. Por fim, lavou-se novamente e dirigiu-se a casa do seu último professor: o citarista, que lhe ensinava a arte de recitar e de cantar acompanhando-se à cítara ou à lira. O ensino fazia-se de ouvido, isto é: sem música escrita.

Ao cair da tarde, Mnésciclès regressava a casa onde, enquanto esperava pela refeição da noite, se divertia a brincar com o gato, animal muito raro, que um amigo do pai lhe trouxera do Egipto.

Depois da última refeição, o rapa-

zinho ateniense, estendido no seu leito, voltaria a escutar o inevitável zumbir dos mosquitos... as corridas dos ratos. E apesar da fadiga e do sono, essa noite seria como as outras entrecortada de insónias...



Frescos, vasos e estátuas dão-nos estas silhuetas: a) tocador de cítara; b) hoplita; c) mulher vestindo o peplos e com leque na mão; d) sacrificador; e) viajante envergando a clâmide; f) pastor tocando flauta.

## A ARMADILHA DIABÓLICA (CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2)

### AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

(Continuação da pág. 4)

desafio que o Benfica disputou na província:

Era um jogo da Taça de Portugal no ano passado, e, verdadeiramente, os nossos adversários, rapazes modestos de equipa sem mais aspirações do que responder o melhor possível à superioridade do visitante, apenas procuravam um brilharete, na luta directa comigo, ou com os meus companheiros. Assim, a certa altura, o jovem ponta-esquerda local, por acaso um rapaz cheio de qualidades e intuição, veio ao seu meio-campo desarmar o Zé Augusto e foi por ali abaixo, levado pelo seu entusiasmo, driblando, sucessivamente, um, dois, três jogadores do Benfica... O público local delirou com o acontecimento, mas o jogador, pretendendo concluir da maneira mais brilhante a sua acção, tentou o remate de longe, já sem forças, devido à correria. E o Costa Pereira defendeu, sem dificuldade. Desabafou (assim mesmo) de um espectador:

— «Dribulam, dribulam, mas não metem góis!!».

**VERIFICO COM PRAZER QUE A SUA CURIOSIDADE CIENTIFICA FOI MAIS FORTE DO QUE QUALQUER RECEIO. DESCLUIPE TER FECHADO O ALÇAPÃO, MAS NÃO ALÉM DE NECESSIDADE UM TEST PARA PROVAR O SEU SANGUE FRIO. SO A UM HOMEM DOTADO DE COMPLETO DOMINIO DE SI PRÓPRIO PODERIA SER CONFIADO UM SEGREDO COMO O MEU.**

**MAS JÁ A VOZ CONTINUAVA, NO TOM DE UM MONITOR DANDO O SEU CURSO DE GINASTICA PARA A ESCOLA AO MESMO TEMPO QUE A ESFERA GIRAVA, DESCOBRINDO UM POSTO DE PILOTAGEM...**

**AGORA, NO SEU INTERESSE, QUERIA EXECUTAR, PONTO POR PONTO, O QUE VAI SEGUIR-SE. VISTA O EQUIPAMENTO QUE ESTÁ NO ASSENTO DA MÁQUINA, SEM ELLE, CAMINHARIA PARA UMA MORTE CERTA.**

**EU COMEÇOU A ENVERGAR O EQUIPAMENTO.**

**MUITO BEM! VERIFIQUE O FECHO...**

**SE O EDUARDO ME VISSER DEIRA-LD! ARRISCO-ME!**

**POUCO DEPOIS, MORTIMER ESTAVA EQUIPADO.**

**SIM! SIM! ESTA VOZ.**

**AGORA O CAPOTE É MUITO BEM!**

**AGORA TOMO O SEU LUGAR. SENTE-SE. SENTE-SE. NÃO TENHA RECEIO!**

**COM ISTO NA MÃO, NÃO NÃO TERHO RECEIO COMO MILCH!**

**PERFEITO! APERTE O CINTO... O BOTÃO AZUL... BOM! EIS COMO FUNCIONA O APARELHO...**

**É, COMO SE SEGUISSSE CADA UM DOS SEUS MOVIMENTOS, MILCH CONTINUOU.**

**ASSIM, EMBORA ATENTO A UMA POSSÍVEL SURPRESA, O PROFESSOR EM BREVE SE ENCONTRAVA INSTALADO NOS COMANDOS.**

CONTINUA

## VIAGENS EM PORTUGAL

(Continuação da pág. 6 e 7)

E cá estamos no Cabeço do Rei! Era aqui, reza a história que o rei mouro Ismário, os seus quinze régulos e todo o seu exercito estavam acampados quando da memorável batalha de Ourique. Mas chegou D. Afonso Henriques com os seus valentes portugueses e...

Vocês já leram isto na História de Portugal, hem? O pavoroso encontro entre 120.000 agarenos e 10 ou 12.000 portugueses, os prodígios de bravura de Mem Moniz, de Lourenço Viegas, de Gonçalo de Sousa, a sorte da batalha indecisa durante o dia inteiro e, por fim, a vitória de D. Afonso Henriques a quem Nosso Senhor Jesus Cristo — conta a lenda — aparecera a prometê-la.

No entanto, talvez não saibam que — segundo os usos da época — os portugueses ficaram ainda três dias no campo de batalha, descansando das fadigas daquela jornada gloriosa, tratando os feridos e enterando os mortos. Os despojos eram muitos e riquíssimos, mas o nosso rei apenas quis para si 19 bandeiras e dezenas de pendões e galhardetes que, como preito de gratidão a Deus, mandou oferecer a várias igrejas do país.

As armas de Ourique são um cavaleiro vestido de ferro e empunhando uma espada. Na parte superior do escudo uma torre em cada ângulo. Por cima da torre da esquerda, uma estrela; por cima da torre da direita, o crescente sarraceno.

— Basta de crudição! — estamos daqui a ouvir dizer — Agora queremos ver a Ourique dos nossos dias!

Pois vamos lá. De um modo geral, as povoações alentejanas não enveredaram pelo caminho dos grandes modernismos arquitectónicos e fizeram bem. Ourique, vila limpa e caíada, não fugiu à regra e conserva o seu aspecto típico de outras eras. Mas é uma povoação próspera, com os seus lagares de azeite, de bom azeite, os seus mercados abundantes, a sua boa cozinha alentejana.

A propósito: e se parássemos para almoçar? De acordo? Então... stop!

**APRENDA RADIO TELEVISÃO**

PELO NOSSO CURSO TÉCNICO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA ECONOMICAMENTE E EM POUCO TEMPO

TUDO O MATERIAL QUE AQUI PORTAMOS SER-VE-Á ENVIADO

PEÇA O FÓLHETO GRATIS E LUTRADO ANTES ANTES ESCOLA DO GÊNERO NO PAÍS E ENVIARTE LEGISLAÇÃO

**RADIO ESCOLA**

Director Alvaro Torrão Apartado 81 - N R. Fernão Lopes, 8 - LISBOA Telef. 4 31 36

**NO PRÓXIMO NÚMERO: A PÁGINA 12 É CONSIGNADA AO CIRCUITO DE LE MANS**

# ATENAS NA ÉPOCA DO SEU ESPLENDOR (A partir do século IV antes da nossa era)



## FOGUETÃO

O TEATRO GREGO  
(A) Bancadas (sector sombra, mais caro), (B) Bancadas (sector sol), (C) Skéné, edifício de mármore ocupando o fundo do local onde filam os actores (D) Logeion, ou palco, (E) Orquestra, lugar reservado ao coro e aos sacrificios preliminares, (F) Altar, (G) Lugar do coro, (H) Partes do fundo da cena, representando a entrada da personagem principal. *Um actor tragico*: — (I) Máscara (na boca pequenas fímulas formando porta-voz), (J) Túnica ricamente decorada, (K) Corrimão destinado a tornar mais alto o actor.

### A — ACROPOLE

(do grego «akros», elevado, e «polis», cidade). A Acrópole constituía a «cidade alta», a parte mais antiga da cidade.

(1) «Erectéon». Templo erguido à memória de Erecteu, rei lendário de Atenas, elevado à categoria de Deus. (2) «Parténon». Templo dedicado a Atenas Partenos e decorado por Fidias. (3) Estátua gigante de Atena Promacos (Atena — primeira — no combate). (4) Lado Norte do Propileu (do «Propulón», vestibulo à entrada de um palácio). (5) Entrada do Propileu. (6) Templo de Atena Niké (Atena-Vitória). A palavra Niké tornou-se nome de um território: o do condado de Nice, que é, assim, o condado da Vitória.

### B — CIDADE DE ATENAS

(7) Pórtico de Atala (Atala, rei de Pérgamo, 159-138 A. C.). O Pórtico ou galeria coberta e sustentada por colunas, ocupava um grande lugar na cidade de Atenas. Era aí que os poetas recitavam as suas obras; os filósofos davam aula; os atenienses se reuniam para conversar à sombra. (8) Biblioteca pública e fonte. (9) Pórtico de Aris. (10) Pórtico de Hera. (11) Pórtico de Apolo. (12) Pórtico de Hélios. (13) Odéon (teatro consagrado principalmente a espectáculos musicais). (14) Altar de Zeus Agoraios, deus dos oradores. (15) Estátuas de heróis (ou semi-deuses) da mitologia. (16) Quartel-general dos chefes da cidade. (17) Sala do Conselho da cidade. (18) Arquivos. (19) Templo de Ares (o Marte dos romanos). (20) Templo de Apolo Patroos, antigo patrono de Atenas. (21) Pórtico do Norte (ignora-se qual o nome que os antigos gregos lhe tinham dado). (22) Pórtico pintado, no qual o filósofo Zenão (nascido em 490 A. C.), fundador do estoicismo, falava aos discípulos. (23) Pórtico de Hermes. (24) Pórtico de Zeus, no qual Sócrates (470-399, A. C.) expôs as suas ideias sobre a dignidade humana. (25) Via Panatenaica por onde o cortejo das Panateneias se dirigia à Acrópole. (26) Estátua de Ares. (27) Estátua de Heracles (Hércules). (28) Altar consagrado a Apolo Nomios (protector dos pastores). (29). Monumento coréico (elevado à memória de um corego, isto é, de um cidadão que tinha organizado à sua custa um coro de dança para um espectáculo teatral). (30) Fonte pública.

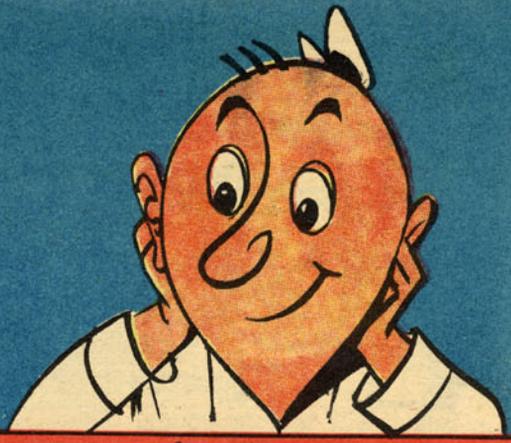
### C — A FESTA DAS PANATENEIAS (fragmento)

(Festa em honra de Atena Partenos, patrona de Atenas).

(31) Cortejo dos magistrados e dos sacerdotes, de túnicas brancas e coroa. (32) Cortejo dos velhos, levando na mão ramos de oliveira. (33) Navio da deusa, emblema do poderio marítimo de Atenas. Este navio era conduzido às costas de homens ou sobre rodas. Da verga pendia o Pepslos sagrado. (34) Cortejo das donzelas e dos sacrificadores.

### D — ATENA, PROTECTORA DE ATENAS

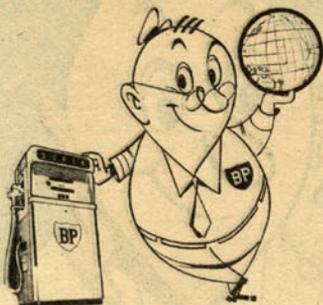
(35) Escudo ou égide. (36) Cabeça de Medusa, a mais terrível das três irmãs Gorgonas, vencida por Perseu, sob a inspiração de Atena. (37) Manto em pele de cabra, ornado de serpente. (38) Capacete ornamentado por uma pluma. A frente do capacete é adornado com uma esfinge, os lados com grifos. (39) Estatuetas representando a Vitória. (40) Túnica. (41) Serpente, recordação da vitória sobre Medusa e símbolo da inteligência astuciosa.



# CIRCUITO FANTÁSTICO



# O ÚLTIMO CONTINENTE



**A** Expedição Trans-Antártica da Comunidade Britânica, levada a cabo em 1958, teve dois fins: atravessar o continente antártico, desde o Mar de Wedell até ao Mar de Ross, pelo Polo Sul, e realizar um programa extenso de trabalhos científicos.

O continente antártico nunca tinha sido atravessado.

Scott alcançara o Polo Sul em 1912, partindo do Mar de Ross, para concluir, ao chegar ao seu destino, que o explorador norueguês Amundsen já lá tinha chegado antes dele. Scott nunca voltou dessa expedição.

A primeira tentativa para a travessia da Antártica foi feita em 1914 por Sir Ernest Shackleton mas a sua expedição nem chegou a desembarcar porque o seu navio «Endurance» foi destruído pelos gelos do Mar de Wedell.

Sir Vivian Fuchs concebeu a ideia da travessia quando se encontrava na Antártica em estudos científicos. Mas teria que ser um trabalho conjunto da Inglaterra e da Comunidade Britânica, em colaboração com o Ano Geofísico Internacional.

Muitos anos de planos e organizações teriam que passar antes do primeiro passo para a jornada. A operação começou quando o navio «Theron» partiu de Londres com a «guarda-avançada» que desembarcou no Mar de Wedell e instalou uma base num local chamado «Shackleton», em homenagem ao explorador que iniciou em 1914 o plano que Sir Vivian Fuchs iria concretizar 44 anos mais tarde.

A «guarda-avançada» de oito homens esteve ali fazendo preparativos e investigações. Com eles estava já muito do material necessário à «grande aventura». Sir Vivian chegou um ano depois com os membros da expedição. Ao mesmo tempo, em operação combinada, Sir Edmundo Hillary (que fora o primeiro homem a escalar o Himalaia) chegou com a sua equipa ao Mar de Ross e



## A ÚLTIMA EXPLORAÇÃO TERRITORIAL

Após anos de intenso estudo, chega ao Mar de Wedell, na Antártica, o navio «Theron», que foi o ponto de partida para a travessia do continente.

instalou-se no campo já usado por Scott — a Base Scott —.

Sir Vivian Fuchs partiu da Base Shackleton dez meses depois da sua chegada. Sir Edmund Hillary deixou a Base Scott seis semanas mais cedo, pois teria que instalar o «Depot 700», a 700 milhas dali, com combustíveis e alimentos. As duas expedições iriam encontrar-se no Polo Sul. Iniciava-se a última grande travessia da história do homem.

A expedição Fuchs chegou ao Polo 56 dias depois — fora a primeira a fazer tal proeza partindo do Mar de Wedell. Sir Edmund Hillary fora o primeiro, depois de Scott, a fazer a travessia partindo do Mar de Ross. O encontro das duas expedições deu-se em 19 de Janeiro de 1958. Estavam no Polo Sul! As duas expedições completaram a travessia do continente antártico em 2 de Março de

1958, data em que chegaram à Base Scott, no Mar de Ross.

Um intenso e frutífero trabalho científico fora executado desde a chegada da «guarda-avançada» no «Theron» em Janeiro de 1956, até ao momento em que a expedição deixou a Antártica em Março de 1958.

O «último continente» tinha sido atravessado por terra. Sir Vivian Fuchs e Sir Edmund Hillary transformaram-se nos últimos exploradores da terra da idade moderna. Mas a investigação necessária ao conhecimento do mundo em que vivemos há-de trazer-nos mais homens como eles.

(A BP deu uma enorme colaboração e patrocínio a esta expedição, tendo sido feitos dois documentários da travessia que serão, em breve, apresentados aos leitores de BIP-BIP, numa das sessões de cinema).

# GAMI & MIKU

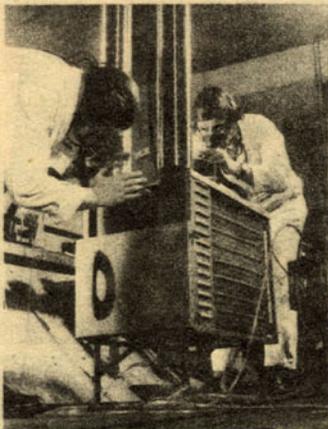


## HILLARY VOLTA AO HIMALAIA!

O conquistador do Everest volta ao Tibet, desta vez à frente da Expedição Científica ao Himalaia, que pretende viver durante 3 meses numa cabana especialmente desenhada «a uma altitude a que o homem nunca viveu».

Procuram-se conhecimentos sobre a possibilidade de vida humana a uma tal altitude e Sir Edmund Hillary leva ainda a esperança de apanhar vivo um dos famosos «tietis», mundialmente conhecido pelo «abominável homem das neves»... se realmente existir!

A BP ofereceu-se para fornecer todos os combustíveis e lubrificantes para essa expedição. Na foto de cima vê-se o famoso explorador visitando o Centro de Estudos da BP...



TODOS COM BP ENERGOL



...onde as investigações para esses produtos extraordinários foram executadas. Como se calcula houve cuidados especiais no fabrico desses produtos e foram feitas consecutivas experiências, cuidadosamente dirigidas.

Esta última imagem é a de dois membros da equipa de pesquisas verificando a chama e o rendimento do queimador, em condições semelhantes às verificadas a 20 000 pés de altitude.

O herói do Everest e da Antártica estará de novo presente nos gelos eternos em locais onde o homem nunca viveu!

Conforme prometemos aqui está a notícia:

A PRIMEIRA SESSÃO DE CINEMA «BIP-BIP» REALIZA-SE NA QUINTA-FEIRA, DIA 8 DE JUNHO, ÀS 6 HORAS DA TARDE, NO JARDIM CINEMA.

O programa será constituído pelos filmes: «Na Rota do Progresso», «Diavolezza», «História e Evolução da Carruagem sem cavalos», «Homagem a Fangio» e «Avante com o arado!»

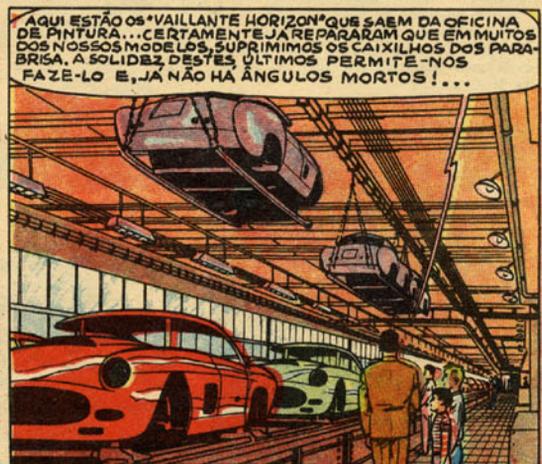
Não esqueçam o concurso «QUE VISTE TU?» que funciona conforme os regulamentos publicados no nosso último número. Basta isto: uma redacção com a vossa opinião sobre os filmes que viram, enviá-la para a BP — Avenida da Liberdade, 192 — Lisboa, com o nome e morada, e... aí vêm prémios!

Para obter o bilhete, cortem o talãozinho abaixo e apresentem-no em Mctor Palácio, Rua Andrade Corvo, 31-B — Lisboa.

PORTANTO... LÁ OS ESPERAMOS!



# O CIRCUITO FANTÁSTICO



CONTINUA